

23-24 MAIO
2024



DA LUTA

ON FIGHT
DE LA LUCHA

CONFERÊNCIA (HÍBRIDA)
PORTUGUÊS / ENGLISH /
CASTELLANO

Organização:

Constantino Pereira Martins
Alexandre Meyer Luz

CONFERÊNCIA
INTERNACIONAL
2024

Livro de Resumos
Book of Abstracts



Esta iniciativa é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, FCT-IP, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, da República Portuguesa, no âmbito do Projeto UIDB/00010/2020, com DOI 10.54499/UIDB/00010/2020

Conferência

DA LUTA

ON FIGHT/ DE LA LUCHA

23 e 24 de maio de 2024,

Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Aberta (Lisboa)

<https://sites.google.com/view/daluta/>

Livro de Resumos/ Book of Abstracts - ISBN: 978-65-01-04138-4

Organizing Committee:

Constantino Martins (Presidente/chair/Portugal)

Alexandre Meyer Luz (Presidente/chair/Brasil)

João Marcelo Saraiva (Secretário/secretary)

Bernardo Peressoni Luz

Ariadne Fernandes Lacerda

Matheu de Lima Rui

Rui Rego

Susana Alves Jesus

Invited Speakers:

Abel Figueiredo

João Luís de Moraes Rocha

Carlos Gutiérrez-García

Thabata Telles

Apoios:

Universidade Federal de Santa Catarina

Programa de Pós-Graduação em Filosofia - UFSC

Universidade de Coimbra

Instituto de Estudos Filosóficos

Universidade Aberta

Centro de Estudos Globais

Esta iniciativa é financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, FCT-IP, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, da República Portuguesa, no âmbito do Projeto UIDB/00010/2020, com DOI 10.54499/UIDB/00010/2020

Abel Figueiredo

Complexidade Institucional nas Artes Marciais e Desportos de Combate

A interpretação da energia institucionalizadora do desporto é uma forma de estudar a permanência e a mudança nas múltiplas faces que transporta hoje, de ontem para amanhã. Edgar Morin (2020) no seu livro “Le Sport porte en lui le tout de la société” estimula-nos a interpretar o Desporto epistemicamente no quadro do paradigma da complexidade o que robustece o modelo em que o desporto também é social num sentido de transdimensionalidade mais do que intradimensionalidade social ou mesmo interdimensionalidade biopsicossocial.

O conceito europeu moderno de Desporto (para responder aos programas europeus de atividades de desporto) assume-se como um macro modelo vinculado ao paradigma biopsicossocial em diversas expressões (Figueiredo & Afonso, 2010; Wiedemann, et al, 2014; Thiel, Schubring, Schneider, Zipfel, & Mayer, 2015), sendo núcleo multifacetado de diversas intervenções onde se incluem os Desportos de Combate, as Artes Marciais ou as Lutas.

Ao estudarmos o desporto através das Artes Marciais e Desportos de Combate, concluímos também que não se trata da institucionalização de atividades pré-desportivas ancestrais numa forma linear de “desportivização” com “character of a civilizing spurt comparable in its overall direction to the ‘courtization’ of the warriors where the tightening rules of etiquette played a significant part” (Elias & Dunning, 1986, p.151).

O desporto, como “a institucionalização de certas práticas” em “relações com outras atividades sociais” (Figueiredo, 2009, p.26), não deve ficar modelado numa visão estática ou fatidicamente linear sustentada de uma fundação “original” rumo ao “moderno”, mas sim numa modelação dinâmica onde a hermenêutica da ação desportiva emerge como método interpretativo: o desporto continua hoje o seu caminho de desenvolvimento, a sua forma de institucionalização, tal como se nota em atividades como as Artes Marciais e os Desportos de Combate que, por vezes, preferem assumir caminhos aparentemente contraditórios ao da linearidade da

“desportivização”.

A prática de ações motricias de combate ritualizado (Figueiredo, 2006, p.570), principalmente em contextos intencionalmente comunitários, tem criado e cria diferentes especificidades institucionais como as militares, educativas, artísticas, terapêuticas e desportivas. Geralmente aquelas práticas são rotuladas como Artes Marciais e Desportos de Combate. Às vezes esses rótulos não são suficientes para a compreensão da sua complexidade (Nakiri, 2015) e outros conceitos emergem na sua definição como Budô.

O estudo do processo de institucionalização das ações motoras de luta e combate em diferentes regiões e culturas, com diferentes linguagens e metodologias rotuladas em diferentes línguas como Artes Marciais, Desportos de Combate, atividades de Luta, etc., fazem-nos ser confrontados com a complexidade da institucionalização da luta marcial, institucionalização da educação, institucionalização da arte, institucionalização do desporto, institucionalização da saúde, institucionalização do bem-estar, etc. (Figueiredo, 2009).

Esta complexidade assumiu relevância institucional em termos de grandes instituições como a SporAccord, sobre regras para associados: “As inscrições de modalidades de artes marciais e desportos de combate terão de ser consideradas com maior cuidado devido à natureza complexa e às diferenças relativamente pequenas entre suas atividades” (SPORTACCORD, 2016).

Nas Artes Marciais e nos Desportos de Combate, o quadro de desenvolvimento cruza simultaneamente o desenvolvimento de práticas de “ ‘combate organizado’, ‘combate casual’ e ‘não-combate’ ” (Figueiredo, 2009, p.28) enquanto acontecimento dinâmico contínuo, assumindo energia sociocultural de:

1. Modernidade e desporto organizado, evidenciando a rutura com o mundo da tradição como institucionalização moderna;
2. Pós-modernidade e desporto casual, evidenciando contexto pouco institucionalizado e, muitas vezes, contra as grandes instituições;
3. Sobremodernidade ou supermodernidade (Augé, 1995) e hipermodernidade (Lipovetsky, 2004) como “não desportivo”, evidenciando o retorno da liberdade ao indivíduo nos espaços através dos quais ele está em trânsito, vivido no anonimato do não-lugar e na solidão (Augé, 1995: 120), assumindo uma rutura com o mundo moderno e inventando tradições.

Da negação da tradição como desporto organizado representa-se com a institucionalização mais robusta, compreender a modelagem integrativa ligada à multivisão que ultrapassa a simplicidade de uma única forma de desportivização. Parece que os líderes institucionais inovadores assumem diferentes formas como Garry Hamel referenciava: criadores de regras, tomadores de regras e quebradores de regras. “Os criadores de regras e os tomadores de regras são a indústria. Os quebradores de regras decidiram redefinir a indústria, inventar o novo, desafiando o velho.” (Hamel, 1996: 71). E se o desporto é rico nestas dinâmicas, as Artes Marciais e os Desportos de Combate ainda o são mais.

Analisando o desenvolvimento real das organizações multidesportivas podemos observar intencionalidade comunitária em “redes de instituições” (Fichter, 1971, p.276), na esteira tapete do “instituições pivot” (ibid, p.278) como são o Comité Olímpico Internacional (IOC), emparelhado pela Associação das Federações Internacionais dos Jogos Olímpicos de Verão (ASOIF), Associação de Federações Mundiais Olímpicas de Inverno (AIOWF), Associação de Federações Internacionais Reconhecidas pelo IOC (ARISF). E mesmo dentro do SportAccord novos movimentos institucionais como a Aliança de Membros Independentes de SportAccord (AIMS)

ganhou valor existindo para além da GAISF e da SportAccord como primeira plataforma de reconhecimento institucional internacional.

Há assim alguma esteira para interpretar a intencionalidade comunitária nas Artes Marciais e Desportos de Combate através da desconstrução multiscópica institucional, mas é um ponto de encontro da natureza livre que a ação motrícia de combate representa

Palavras-chave: Hermenêutica, Desconstrução, Ação Motrícia, Luta, Desporto, Motricidade

Alexandre Meyer Luz

Are martial arts violent?

This communication aims to argue 1) that a base clause for a definition of "martial artist" needs to consider their ability to apply or defend themselves from violent actions; 2) that this base clause does not exhaust the definition of "martial art" since martial communities include numerous other aspects that are not directly related to violent actions.

In favor of this second point, we propose an analysis of the very concept of "violence," which aims to define better phenomena that can be classified as violent and more appropriately capture the nature of the relationship between martial arts and violence.

Keywords: Philosophy of Violence; Violence; Martial Arts

Ander Ugalde

Violence, Sports and Spectacles: Ethical Issues in Promoting Martial Arts

Controversy surrounding combat sport competitions, notably boxing and Mixed Martial Arts (MMA), has chiefly highlighted the ethical issues of professional fighting itself, with less attention to their dynamic in social and business contexts. In this work, the inherent morality of competitive fighting is not assessed. Instead, it aims to develop a categorization of the violence in these competitions, and an ethical evaluation of the way in which this violence is often spectacularized and sold. Good competition is defined as ‘a mutually acceptable quest for excellence through challenge’. In sport, respect for this quest is taken to be a fundamental constituent of good sportsmanship. However, combat sports differ from other sports: martial arts-based sports are less ‘gamelike’ than others, since they address reality and its violence in ways that non-combat sports do not. If martial arts are to be called ‘martial’ at all, they cannot stray too far from their roots, which drastically limits the modifications and regulations available to organizations that wish to curb their violence. If martial arts are to be preserved and treated as recognised sports, their peculiarities must be considered—and this means coming to terms with the violence they entail. A sociological history of the ‘civilizing’ of violence is provided by Norbert Elias’ theory of the civilizing process. A parallel process can be seen by more specifically in sport; activities may be ‘sportized’ through their own civilizing process. The theory of sportization can be applied to combat sports. Following Eric Dunning’s typology of violence, the violence in a sportized martial art competition must be real, (preferably) playful and rational. Nonetheless, a surge in violence exhibited by the new, vastly deregulated free fights in the 1990s suggests a de-civilising turn. These sensational events sold and displayed raw violence—often serious and affectively loaded. Although this does not challenge Elias’ theory, it raises ethical issues as to whether such violence and its sale is permissible. Although cage fight organizers were eventually forced to ‘re-sportize’

their events, this civilisation was largely 'cosmetic' inside and outside the arena. The symbolic violence of trash talk and drama began to be exploited to reel in a wider audience, yet this has the potential to cause the violence enacted in matches to be dangerously serious and affective, putting the 'mutual quest for excellence' at risk. This is also troublesome due to the fact that businesses profit from their fighters' psychological and physical affliction, instrumentalising them in ways that are morally unacceptable. Similar issues arise in the case of spectatorship, since *schadenfreude* (pleasure in other's pain) becomes increasingly likely with the inclusion of a larger and uninformed audience. If martial arts competitions are to be preserved, organizations must see to it that (despite the violence that is essential to these contests) athletes' technique and skill is in the spotlight, not their suffering.

Boryana Angelova-Igova

Sport, fear, spectacle and gender

Sport nowadays has the characteristics of a spectacle, not only because it goes beyond the sporting event and the spectacle, but also because it leads to catharsis. Aristotle 390 BC In his aesthetics, he described the first Olympic Games and introduced the term catharsis to explain the spiritual purification and strong emotion that spectators experienced watching pankration - the first Olympic sport - a mixture of wrestling and boxing. This catharsis is the result of fear. Because sport is a unique performance - there is no script in it, we never know what will happen, in sport everything is possible, but also everything is real. The athlete's nose is really broken, blood is not a bland paint, efforts and mastery in the fight are the result of many years of training and sports improvement. The fear is from both sides - the audience - not to lose their favorite athlete and the athlete not to lose the victory, but also his/ her life. The levels of feeling and empathy are many times stronger than for actors in the theater, for the simple reason that everything is real - that what happens in the ring, on the mat and in the stadium is reality itself, life itself.

The fear is both for the observers and for the participants themselves - the athletes. The athlete's fear is of the unknown as well as of the known. There is no artist who waits for a hard draw, eagerly anticipating which opponent will fall to him and what will follow from the clash - medal, injury, and perhaps death. The humiliation of loss has its psychological as well as purely physical characteristics. Fear is also a key point in the athlete's preparation. A good coach includes in his work the preparation for the clash, for what lies ahead. The coach has the function of a director, but with the difference that his time is devoted entirely to one fight, which is unique and will not be repeated. Fear is also positive. It makes athletes train more, gain skills and develop.

Based on the accumulated experience, each competitor develops methods to overcome it, knowing that his opponent also feels a similar feeling, tries to demonstrate self-confidence, superiority, even demonstrations of some techniques in front of the other competitor.

Today's boxing, for example, is more and more a show program. It happens in theaters, cabarets and stadiums. The interest in it is precisely because of fear. The fear in boxing is both mental and physical. Fear has been making the show so attractive and long-lasting.

Fear is also gendered, especially in martial arts. Women constantly have to prove their right to be strong, angry and powerful, men to protect their masculinity.

In the present work, I will try to philosophize on fear in sports as a spectacle. A major focus is gender differences in terms of fear and spectacle. For me, fear is important not as a psychological phenomenon, but as a social and above all cultural phenomenon. What is the fear in sports culture regarding gender. Because of the wide-ranging topic, I will focus on the Summer Olympics in Tokyo and Paris, where we have close to (Tokyo) and equal (Paris) numbers of male and female participants. Of course, combat sports will be in focus.

Keywords: philosophy of sport, martial arts, fear, spectacle, gender

Bráulio Manuel Lopes

Nsanga, a luta dos Guerreiros do Congo

A prática ancestral da luta nsanga, no Reino do Kongo, desempenha um papel fundamental na formação dos guerreiros bakongo, transmitindo valores culturais como coragem, disciplina e lealdade, através de combates altamente ritualizados e regido por regras específicas. Essa tradição, realizada em datas específicas, valoriza não apenas a força física, mas também a habilidade técnica, agilidade e destreza dos combatentes, refletindo sua posição social dentro da comunidade. A luta nsanga, além de ser uma forma de entretenimento, era uma expressão cultural profundamente enraizada na identidade coletiva do povo bakongo, contribuindo para a coesão social e transmitindo lições valiosas às gerações futuras.

Palavras-chave: Nsanga; Reino do Kongo; Guerreiros, Tradição, Coesão bakongo.

Bruna S. de Jesus, Cássia dos S. Joaquim, Diego Alves R. Queiroz, Leopoldo K. Hiram

O Que É Judô Para Você: Compreensão Dos Alunos Do Programa De Extensão Construindo Pelo Esporte

As práticas do judô realizadas no Programa de Extensão Construindo pelo Esporte, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/Centro de Formações de Professores (UFRB/CFP) no município de Amargosa – Bahia, são pensadas para que os alunos solucionem problemas a partir da dinâmica da luta. Além disso, conversas e atividades são realizadas para entenderem que respeitar o espaço, os colegas e professoras são essenciais para ser um bom judoca, e a colaboração de todos contribui no bom funcionamento da aula e na evolução tanto deles quanto dos colegas. Este estudo teve como objetivo analisar qual compreensão os participantes do programa têm sobre o judô. De cunho qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, utilizou-se a análise documental de 24 redações produzidas pelos alunos como um dos pré-requisitos para participar do exame da faixa realizado em julho/2023, cuja faixa etária variou de 08 a 15 anos. Os discentes dissertaram sobre a seguinte pergunta: “O que é o judô para você?” com liberdade para responder da forma que julgassem melhor. Seguindo as orientações da análise de conteúdo de Bardin (2011), na primeira fase os dados foram organizados e sistematizados; na fase seguinte elencamos 11 temas, que posteriormente agrupamos em 4 categorias: 1) Compreensão do judô(prática do esporte): os alunos falaram sobre utilizar pernas e braços para aplicar um golpe, e como a criação dos golpes ajudam a serem criativos, entenderam a importância de saber cair e compreenderam que sua prática é uma forma de se defender e não de estimular brigas; 2) Essência(consideramos como essência do judô o ambiente respeitoso desenvolvido, com orientações que vão para além da prática, com foco na boa convivência intra e interpessoal): em muitas redações citaram respeito e disciplina, mostrando que

compreenderam o judô além dos golpes. Respeito pelos colegas, pelas professoras, pelo espaço e o sentimento de também serem respeitados. A disciplina pela responsabilidade de chegar no horário e limpar o espaço que iriam lutar; 3) Diversão: eles comentaram que gostaram das atividades feitas nas aulas, e sobre ser um lugar que construíram amizades e; 4) Sentimento de pertencimento: vários jovens relataram que consideram o judô uma segunda família, e todos estavam no ambiente com o mesmo propósito. Entendendo que fazer parte do grupo, sentir-se acolhido, e ao mesmo tempo responsável têm valor significativo para os participantes. Diante do exposto, conclui-se que a criação de um ambiente de aprendizagem complexo, que ultrapassa o esporte trabalhado de maneira isolada, torna a compreensão dos alunos sobre o judô na sua essência o mais natural possível. Para além das atividades que exploraram diferentes formas de solucionar problemas oriundos da prática do judô, tornando-os judocas mais inteligentes e eficientes em um combate, há uma valorização quanto aos sentimentos e o ambiente construído no Programa.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Valores morais, Ensino, Judô.

Carlos Gutiérrez-García

Martial arts and the cultivation of peace: still much to investigate

Abstract

Martial arts have been traditionally considered as means for peace cultivation, by enhancing values and behaviors like respect for the self and for others, self-control, integrity, civility or humility, to name a few. They have also been considered as aggressive, violent practices aimed at harming or physically dominating others. This ambivalence has been expressed in the academic sphere for many decades, leading to contrasting and unclear evidence on the outcomes of martial arts practice. This fact is not only related to the richness and diversity of martial arts – a term which, indeed, is still the object of continuous debate –, but also to the limitations of martial arts research over the years. These limitations extend to every aspect involved, from conceptual frameworks and definitions to methodological designs, data analyses, findings or data interpretations, which reflects the youthfulness of this field of study. In addition, and despite the huge increase in martial arts research since the beginning of the 21st century, only a few of this research focuses on the psycho-social effects of martial arts practice. This presentation discusses the background, state of the art and challenges of research on martial arts for peace cultivation by providing illustrative examples of past and current investigations on the topic.

Carolina Barros Clark y Nilsa Montserrat Guzmán

El Taekwondo y el Poomsae: Reflexiones en torno a la espiritualidad en la práctica marcial

Introducción: El Taekwondo (TKD) es un arte marcial coreano conocido por sus principios filosóficos que se extienden más allá de la mera técnica de combate. Dentro de esta disciplina, la modalidad Poomsae, que implica la ejecución de secuencias de movimientos predeterminadas, se ha convertido en una práctica fundamental para muchos practicantes, tanto física como espiritualmente. Objetivo: Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los principios filosóficos del TKD y la modalidad Poomsae como práctica que fomenta la espiritualidad. Se profundizará en el desarrollo espiritual a través del Poomsae. Método: A través de la revisión documental de fuentes bibliográficas, se realizará un análisis de los valores filosóficos incorporados en el TKD, centrándose en la disciplina, el respeto, la perseverancia y la superación personal. Además, se explora cómo la práctica de Poomsae mejora la concentración, el control mental y la conexión cuerpo-mente, lo que conduce a la introspección, la meditación en movimiento y posibles experiencias de trascendencia. Resultados: A través de la repetición de movimientos en Poomsae, los practicantes aprenden a tener paciencia y humildad, aceptar sus limitaciones mientras se esfuerzan por alcanzar la excelencia y encontrar un espacio para el crecimiento espiritual y el desarrollo personal. La práctica no sólo fortalece el cuerpo, sino que también nutre el espíritu, proporcionando un enfoque holístico al entrenamiento de artes marciales. Conclusiones: Reflexionar sobre los principios filosóficos de TKD y la práctica de Poomsae como esencial para la espiritualidad permite a las personas que practican este deporte explorar, más allá del ámbito físico. Aprovechar los beneficios integrales del Taekwondo a través de la práctica de Poomsae contribuye no solo al desarrollo físico y la coordinación motora, sino también al desarrollo mental, la concentración y el equilibrio emocional.

Palavras-chave: Taekwondo. Poomsae. valor social. filosofia.

Caroline Wall

The Good Fight Understanding Combat Sports Through Value Phenomenology

A growing number of studies, both statistical and phenomenological, observe how participating in combat sports can benefit veterans and victims of abuse. Typically, those interested in the therapeutic use of combat sports focus on how they can help to empower victims, increase their self-confidence, and feel more in control. Bessel van der Kolk, for instance, claims that “the best way to overcome ingrained patterns of submission is to restore a physical capacity to engage and defend.” While literature reviews by Michael Tadesse and Brad Binder suggest that these effects are indeed common for long-term practitioners, it is dubious whether these effects reliably extend to newer practitioners. In fact, as Tracy Carrington, Margaret Madden, and Thomas Sokol note, those in the beginning stages of training in a combat sport may actually *lose* confidence or their sense of being in control. Beginners are confronted over and over again with their inability to perform techniques competently, or to resist the attacks of more experienced students; as *aikido* instructor Paul Linden observes, “Since beginners cannot actually keep an attack from penetrating their defenses, practice often reinforces survivors’ feelings that they have no boundaries and cannot keep anything out.”

I aim in this paper to articulate a different, more immediate benefit that combat sports can offer to veterans and victims of abuse. Working loosely from Max Scheler and Edith Stein’s theories of value phenomenology, I argue that combat sports offer their practitioners acquaintance with the value or goodness of physical power. I begin by discussing a kind of harm that a subject can undergo, namely being deprived of access to, or the ability to experience, a certain range of values. According to Scheler and Stein, a person’s body, history, dispositions, and circumstances all may inhibit him from feeling values that otherwise would be available to him. A person so inhibited cannot make his life “a complete process of his personality’s unfolding,” leaving him “similar to an unfinished sketch.”

Regaining access to a lost value, then, is both psychologically and ethically good for a subject.

Combat sports, I argue, are uniquely equipped to restore access to the value of physical power when it has been lost. Under normal circumstances, we experience physical power to be basically good, pleasant, noble, and admirable; more specifically, it seems to be similar in nature to values of health and well-being. Encounters with violence, however, may lead a subject to experience a substantially different value, “brutality,” in place of physical power. The people and feats of strength that would otherwise occasion delight and admiration can only occasion dread and revulsion for such subjects; these values are felt too differently to be borne by the same object at once. Finally, after discussing excerpts from interviews with practitioners, I conclude that combat sports can help in some such cases by offering “the opportunity to experience violence” in the context of play within a trusted community. Such “opportunities” can allow subjects to reorient themselves with respect to physical power and its givenness.

Keywords: value theory, Edith Stein, Max Scheler, martial arts, combat sports

Cássia dos Santos Joaquim; Leopoldo Katsuki Hirama; Diego Alves Ribeiro Queiroz ; Gustavo Yuji Uchida Rodrigues; Paulo Cesar Montagner

Filosofia do judô de forma planejada: o ensino da Máxima Seiryoku Zenyo através de contos e jogos

É comum pessoas associarem o ensino das artes marciais à filosofia das lutas, e, muitas vezes, procurar sua prática em busca de um ambiente de suporte à conduta moral, porém pouco se aborda de forma planejada o ensino, vivência e aprendizagem de seus conteúdos e aspectos. No judô Kodokan, o seu criador Jigoro Kano baseia a construção desta arte marcial em duas Máximas: Jita Kyoei (prosperidade e benefício mútuo) e Seiryoku Zenyo (máxima eficiência e mínimo esforço). O objetivo desse estudo foi investigar a aplicação da proposta de intervenção dos Jogos de Conto no judô e analisar a compreensão dos participantes com relação a Máxima Seiryoku Zenyo. De natureza qualitativa e do tipo propositiva descritiva-exploratória, foi implementada em duas turmas, uma com seis crianças de cinco a nove anos e outra com oito crianças e jovens de 10 a 13 anos, totalizando 14 participantes. O espaço de aplicação foi uma academia de Artes Marciais, da região de Campinas, no Estado de São Paulo (Brasil) e, para tanto, foram realizados três encontros. Os dados foram coletados através de registros em diário de campo, de gravações de entrevistas individuais e de roda de conversa, que foram transcritas. O tratamento das informações foi através da Análise de Conteúdo, percorrendo as fases de agrupamentos por temas relevantes que, posteriormente, foram novamente aglutinados em categorias de análise seguidas da interpretação ou inferência. Baseada em aulas de faz de conta, chamamos nossa proposta de Jogos de Conto, pois nela utilizamos um conto como introdutor e fomentador de jogos que serão norteados pelo intuito do professor. Iniciamos a abordagem com a apresentação do conto “Tatá, o tatu, e a Máxima Eficiência em um dia de vento” (para a turma de cinco a nove anos) e “Hirata e a Máxima Eficiência em um dia de vento” (turma de 10 a 13 anos) e seguimos com o oferecimento de diversos jogos embasados nas situações narradas e nos personagens. Como resultado, os participantes descreveram como compreensão sobre Seiryoku Zenyo, o ato de observar, de pensar, o trabalho em equipe, refletir antes de agir, além de aproveitar a força do

seu oponente, demonstrando que a proposta conseguiu explorar com coerência a Máxima de Jigoro Kano. Conclui-se que os Jogos de Conto demonstraram qualidades pedagógicas, com destaque à sedução para a prática e a construção de relações concretas entre o conto, os jogos e os conteúdos abordados, evidenciando que esta proposta foi significativa e pode ser aliada do professor ao ensino da filosofia do judô.

Palavras-chave: Judô. Jogos. Conto. Filosofia do Judô.

Claudio Bispo Almeida; Warley Kelber Gusmão de Andrade; Julio Verne de Santana

Os Princípios Do Taekwondo E Sua Possível Característica Ética

O Taekwondo é uma arte marcial de origem Sul-Coreana, desenvolvido pelo mestre Choi Hong Hi, em 1955, cujo significado literal é "caminho dos pés e das mãos". Inicialmente, visava a preparação da população através de rigoroso treinamento militar para a guerra, isto é, defender sua pátria, pois a Coreia do Sul foi invadida por diversos países, sendo o Japão o que mais teve impacto em seus aspectos cívicos e culturais, inclusive proibindo a prática de outras artes marciais (Su Bak, Kwon Bup e Tae Kyon) que deram origem ao Taekwondo. Com o término das invasões, no processo de reconstrução da Coreia como nação, o Taekwondo voltou a ser praticado e ensinado livremente, e passou a ser reconhecido nacional e internacionalmente. Entretanto, seus fins passaram a ser a prática esportiva e educacional, além do treinamento militar, tornando-se um desporto com status de esporte olímpico. Apesar de todas essas mudanças históricas seus ensinamentos mantiveram os seguintes princípios: manter meu corpo e mente fortes e levar uma vida justa; servir meus parentes e amar minha família; respeitar as pessoas, incluindo professores e pessoas mais velhas e ser fiel aos meus amigos, ajudar meus vizinhos, servir minha comunidade e meu país; e, viver em harmonia com a natureza e contribuir para a paz prosperidade da humanidade. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo refletir sobre como os princípios do Taekwondo podem ser utilizados para uma reflexão ética. Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo reflexão teórica, que empregará a literatura científica e filosófica. O termo ética vem do grego êthos e, portanto, estuda as ações e paixões humanas, fato que possibilita a conexão entre os princípios do taekwondo e a reflexão ética. Tendo, como exemplo, um dos princípios do taekwondo: “manter meu corpo e mente fortes e levar uma vida justa”, podemos realizar uma reflexão sobre a moral, as regras e as leis que permitem manter o corpo e a mente forte, além de conduzir o praticante dentro de um parâmetro da justiça. Logo, a reflexão ética pautada neste princípio permitiria uma renovação das práticas que mantêm a mente e o corpo do praticante fortes e voltados para a prática da justiça, caso as condicionantes culturais ou

sociais sofressem alguma alteração. Podemos perceber esse movimento na própria história do Taekwondo, pois seus princípios são criados em um momento no qual a Coreia busca meio para preparar sua população para a guerra, e dentro deste contexto eles visavam manter a nação unida e pronta para se defender belicamente. Já em tempos de paz, eles ajudam o praticante do Taekwondo a se integrar na sociedade em que vive de maneira cooperativa e respeitosa, além de promover valores que incidem na melhoria da qualidade da saúde individual e pública. A reflexão sobre uma propriedade ética presente nos princípios do Taekwondo, mostra que estes apresentam características universais e atemporais e que estes princípios extrapolam o mundo esportivo interagindo com os praticantes e com os diferentes países que cultivam esta prática esportiva.

Palavras-chave: Artes Marciais; Ética; Moral; Filosofia; Pesquisa Qualitativa.

Dave Bright and Philippe Crisp

Risk vs. Hazard: Precision in categorising combat sports.

Evidence of the negative neurological effects of combat sports has a long history and continues to grow. Despite an awareness of these dangers individuals still make the choice to partake, with the freedom to make an educated choice often cited as a counter to concerns over long term health. This freedom should be respected, and there are both higher risk activities for people to engage in (e.g. BASE jumping, free climbing), and comparable negative evidence found in more mainstream sports (e.g. football, NFL). However, combat sports do find themselves in a unique category where harm to the opponent is the explicit goal rather than an unfortunate byproduct. Using the established workplace framework of Risk vs. Hazard, and utilizing the evidence base from both martial endeavors and the wider sporting field, this work will argue for a recategorization of combat sports as those which bypass risk and give participants a 100% exposure to the hazard and its concurrent effects on health. It is hoped the use of this framework can give some structure to the ongoing debate about the place of these sports in modern society. No suggestion is made that these activities be stopped, merely that those taking part (or looking to begin) can make a choice that is better educated and distinguishes the dangers of combat sports from the risks present in other domains.

Keywords: Chronic traumatic encephalopathy (CTE); Collision sports; Trauma; Safeguarding

Denis Foster Gondim (Universidade de Pernambuco); Ana Raquel Mendes dos Santos (Universidade de Pernambuco)

O (in)suave caminho da filosofia do Judô

Criado no Japão em 1882 pelo Professor Jigoro Kano, o Judô (popularmente traduzido como “caminho suave”) é hoje um dos esportes de combate mais populares do planeta. Por trás de sua idealização, estão dois princípios filosóficos estruturantes (Jita Kyoei/ mutualidade e Seiryoku Zenyo/ melhor uso da energia) idealizados por seu criador, que no devido contexto histórico de sua gênese, buscou transpor elementos culturais, religiosos e, principalmente, educacionais da sociedade japonesa que havia sofrido uma recente e significativa transição política (Período Edo para Era Meiji). O presente ensaio utiliza-se de um levantamento bibliográfico do tipo revisão narrativa, utilizando-se de fontes diversificadas (teses, dissertações, livros e artigos). Considerando o arcabouço teórico existente na literatura e os elementos encontrados relativos à própria formação acadêmica e as experiências práticas do Prof. Kano, foi possível identificarmos que à luz do judô moderno (sob a ótica esportivizada), os princípios filosóficos idealizados ao Judô parecem ter ficados obsoletos na linha do tempo, ou ao menos, estarem descontextualizados nos dias de hoje, sendo assim, alvo de questionamentos críticos e reflexivos quanto à real aplicabilidade destes no cotidiano dos judocas e nos espaços de prática (dojôs).

Palavras-chave: Judô; Filosofia; Jigoro Kano; Esportivização

Dries Vanysacker

A Catholic theological reflection on Pugilism in Belgium: the Premonstratensian Antoon Van Clé and his publication *Moral Aspects of Boxing* (1953)

In the context of his personal sport apostolate, Antoon Van Clé (1891-1955) has been the first religious in Belgium to pay attention to the practitioners of that so-called “rough popular sport” from the 1930’s onwards.

It is not surprising then that under his redaction a collection of Studies on the Sport of Boxing, revolutionary for its time, was published in 1953. The immediate cause was a proposition of Law that dealt with possible legal restraint and prohibition of boxing competition and catch matches in Belgium. Apart from discussing this law, there were contributions by ex-pugilists, managers but also from the legal, medical and moral perspectives. Van Clé studied the *Moral Aspects of Boxing*. Despite the fact that he certainly did not consider himself a moral theologian, he had accepted this challenge. It is clear that, as always, Van Clé was mainly inspired by what he had experienced himself. Van Clé clearly wanted to distinguish between boxing as body development and boxing as a competitive sport, and within the latter there was then amateurism and professionalism.

In addition to his own experiences, Van Clé relied on literature. He searched mainly for contemporary moral theologians who wrote about boxing. In summary, he stated that Josef Aertnijs and Cornelius Damen (*Theologia Moralis*, 1944) emphasized necessary precautions and considered K.O. ('knockout') to be forbidden and sinful; that the Franciscan Agostino Gemelli (*I Malanni della Boxe. Fisiologia e patologia di Boxeurs*, 1926) advised against professional boxing; that the Jesuit Edwin F. Healy (*Theological Studies*, 1945) defined "merciless beating" as cruelty; and that the Franciscan Fodor, in his 1947 treatise (*Christiana cultura corporis cum speciali respectu ad modernum sport: natura et moralitas*), basically banned boxing as a spectacle because of the danger of coarsening, although he did not call every camp immoral. Fodor also proposed a reform of the rules of the game according to the

requirements of pedagogy. Another group of moral theologians emphatically discussed boxing as it occurred in its contemporary form of professionalism. Its sole purpose of beating the opponent K.O. was considered morally unjustifiable by the Spiritan father Eugene Hillman (*The Morality of Boxing*, 1951) and argued that this kind of boxing exercised for the last forty years was objectively for the Catholic a sin against the fifth commandment (prohibition of any direct and voluntary killing; respect for the dignity of the person). Whether it was sin in deed depended on the attitude of each individual boxer. But aiding in a sin was also sin, so 'quid' with organizers, spectators and the media? Van Clé realized he was on very delicate ground here and left the last word to moral theologians. Nevertheless, he and Ferdinando Prosperini (1890-1975) - who had delved into the matter as a consultant for the Vatican Secretariat for Morality - wondered what the moral ground of contemporary boxing was and called on everyone to reflect seriously on it.

Palavras-chave: Boxing – Catholic Moral Theology – Antoon Van Clé – Belgium - 1953

Emilly Amaral Viana; Marcela Geovana Alves Fiuza; Luís Fernando Mendes Teixeira; Cláudio Bispo Almeida

A Presença Da Mulher Nos Tatames: Uma Revisão Narrativa

Atualmente as mulheres são vistas como símbolos de resistência, assumindo papéis importantes na sociedade, lutando por seus direitos e buscando ser inseridas em locais que há alguns anos apenas pessoas do sexo masculino podiam frequentar. Esse fator pode estar relacionado à história, na qual as mulheres eram mantidas em casa, onde não possuíam escolhas profissionais ou pessoais, tudo era determinado por uma sociedade pensada por e para homens, inclusive de acordo com o decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 era proibida a prática de desportos por mulheres, desta forma, percebia-se a exclusão delas nos ambientes esportivos, incluindo a prática das lutas, artes marciais e esportes de combate. Na atualidade, ser mulher em cima dos tatames ainda gera uma série de perguntas e julgamentos internos e externos pela sociedade sobre esse protagonismo feminino. Objetivo: O presente estudo objetivou analisar os desafios enfrentados pelas mulheres nos tatames, de acordo com a literatura científica. Métodos: É um estudo qualitativo, de revisão narrativa, com dados coletados nos sites da SciELO e Google Acadêmico, buscando informações atualizadas sobre o respectivo tema. Com as análises e buscas feitas, seis artigos foram encontrados, fazendo parte da revisão somente três, por atenderem o tema e o objetivo do estudo. Resultados: Sabe-se que ainda persistem resquícios históricos que se traduzem na desvalorização da mulher no esporte e no trabalho. Mesmo com todas as dificuldades sócio-históricas citadas anteriormente, e com predominância do público masculino, observa-se um crescimento da presença da mulher nos tatames, fortalecendo o movimento feminino nos esportes de combate. Através da pesquisa foi identificado que as mulheres, ao fazer-se presente no meio esportivo, recebem críticas positivas e negativas, a partir daí, materiais científicos de vários autores discutem sobre essas pautas e desmistificam as ideias de que a prática de qualquer arte marcial só se restringe ao universo masculino, concedendo à mulher oportunidades igualitárias ao quebrar os estereótipos impostos pelo meio social. As evidências apontam que

esse grupo representativo impõe a força e quebram as barreiras misóginas, cada desafio enfrentado por elas tem ganhado destaque, pois, só de pisar no tatame já são consideradas vitoriosas. Diante disso, essas questões manifestam o empoderamento e possibilitam maior visibilidade no espaço em geral, e em particular na área das lutas. Conclusão: Ao analisar a literatura pesquisada, conclui-se que os desafios enfrentados pelas mulheres nos tatames são diversos, levando em consideração a falta da equidade de gênero e o preconceito enraizado na sociedade, o qual as limitam a participar de um esporte de combate. Porém, ao longo do tempo pode-se observar a resistência e a determinação das mulheres para desconstruir conceitos, e conseguirem ser protagonistas das suas próprias histórias e garantir a inclusão na sociedade, tendo sua participação nos tatames ou em qualquer lugar que desejar.

Palavras-chaves: Artes Marciais; Sexismo; Empoderamento; Esportes; Mulheres.

Fabio Augusto Pucineli; Carlos José Martins

Uma Experiência Com O Karate Em Okinawa: Confronto De Métodos

Em 2023 realizei um curso de karate promovido pela Japan International Cooperation Agency e a International Okinawa Goju-ryu Karate-do Federation. Na ocasião, também pratiquei com outro sensei, de um estilo diferente, durante a noite e aos sábados. Aproveitei o ensejo a fim de coletar informações para pesquisa de doutorado, através de registros em diário de campo, estudo documental e bibliográfico. O foco presente trabalho é a prática a qual me dispus nos momentos em que não tinha nenhum compromisso com o curso. Tal prática foi a conduzida por Morinobu Maeshiro sensei, 10o dan, atual presidente da Okinawa Shōrin-ryu Karate-do Association, e discípulo direto de Katsuya Miyahira, fundador da escola Shidōkan (falecido em 2010). Todas as noites eu me deslocava até seu dojo, Musei-juku. Apesar de já ter frequentado o local em outras oportunidades, a experiência foi bastante peculiar. Observei e notei detalhes que até então me passavam despercebidos. Assim, o objetivo desta pesquisa é contrapor diferenças nas propostas de ensino de karate no Brasil e as que vivenciei no referido local. Maeshir sensei propõe a mesma prática todos os dias, havendo eventuais e pouquíssimas alterações. A sessão se inicia com um kihon específico da Shidōkan, composto por seis partes. Em seguida, um intervalo, depois são realizados praticamente todos os kata do estilo, sendo que a cada dois ou três, sempre existe uma pausa. Além disso, todas as pessoas participam de tudo, desde a mais antiga no dojo até quem pratica pela primeira vez na vida.

Maeshir sensei ensina sem fragmentar os gestos dos kata em blocos a serem memorizados. Sua proposta é que os praticantes realizem os movimentos, ou conjuntos de movimentos, desde o primeiro passo, com a complexidade que lhe é própria. A aprendizagem do karate

acontece por preenchimentos, mas também por ampliação e constantes reconfigurações dos entendimentos dos mesmos movimentos e situações, que se fazem diferentes a cada nova execução. A segunda regra do método cartesiano, proposto em *O Discurso do Método*, um dos textos norteadores da subjetividade moderna, é dividir o objeto em partes para que assim seja melhor compreendido. Posso dizer que a grande maioria dos kata que aprendi durante minha prática no Brasil, foi através dessa fragmentação: memorizava um bloco de movimentos para depois passar para outros, até conseguir montar a sequência toda. O pesquisador japonês Tetsushi Abe, contudo, afirma que isso é algo raro no Japão, e que testemunhou com estranhamento esse processo quando foi convidado para orientar praticantes de kendo na Alemanha, onde essa peculiaridade era bem marcada: “a técnica era fragmentada em pequenos movimentos, e os estudantes praticavam repetidamente cada uma dessas pequenas partes das técnicas”(ABE, 2005, p.128). Não é possível afirmar que Maeshiro sensei não tenha um método somente porque não faz uso de maneiras “ocidentalizadas” de ensinar, das partes para o todo. A prática proposta implica em ampliação progressiva e preenchimento gradual, partindo do todo para as partes. Neste sentido, este trabalho busca descrever em que outras condutas metodológicas a aprendizagem do karate de Okinawa se dá.

Palavras-chave: artes marciais, aprendizagem, etnografia.

Felipe Araujo Fernandes

“Devagar também é pressa”: Um debate sobre a noção de tempo e de liberdade a partir da Capoeira Angola.

A Capoeira foi proibida até a década de 1930. No código penal de 1890, por exemplo, era tratada como prática criminosa, sendo punidos por “fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal”, podendo seus praticantes receberem pena até 3 anos de prisão. Neste código penal, os capoeira eram colocados ao lado dos “vadios”. Podemos presumir que esta lei era, na verdade, uma perseguição aos mais pobres, em especial os negros, e uma dura repressão a uma de suas poucas formas de expressão artística e cultura, e uma imposição ao sistema de exploração da mão de obra, em especial negra. Atualmente, a expressão “vadiar” foi tomada pelos praticantes de Capoeira e ressignificada como sinônimo não mais de uma expressão de criminalidade ou “vagabundagem”, mas, justamente de uma luta pelo direito de se expressar, de ser feliz, de ser livre e, inclusive, uma luta pelo direito ao ócio. Ócio este que era tão escasso e até punido, quando por parte dos mais pobres e negros, ao passo que era tão vangloriado aos nobres e intelectuais da burguesia. A verdade era que os verdadeiros “vadios” eram as classes abastadas que sugavam as riquezas e a forma de trabalho dos negros, escravizados e assalariados, enquanto os acusava de vadios, em seus poucos momentos de lazer e descanso. Quando os capoeiristas, de hoje em dia, vão para as ruas e praças públicas e jogam Capoeira, eles chamam esse gesto de vadiar, vadiação. Esta é uma forma de tomar a alcunha do opressor e renovar sua semântica, apresentando um novo conceito para o termo. Não mais com estigma negativo e discriminatório, mas, justamente, como uma forma de expor que todos merecem o direito ao descanso, ao lazer, ao tempo livre, ao trabalho remunerado e digno e à assistência social/previdenciária, à liberdade. Vadiar coloca de “ponta-cabeça” a lógica burguesa, que chama de vadio justamente aqueles que mais trabalham, sem direito, muitas vezes, a férias, a salário mínimo, a aposentadoria, direitos trabalhistas e, inclusive, que foram até escravizados e tratados como sub-humanos. Enquanto

os que escravizaram e roubaram sua força de trabalho de forma desumana, têm o direito a viver seu tempo de ócio. Neste trabalho, trazemos esse termo para discutir importantes questões políticas, que, ainda hoje, reverberam desse tempo passado. Assim, apresentamos vadiação não apenas como conceito para pensar a esfera política, e a luta pelo direito de se dedicar a si mesmo, a sua humanidade e não apenas, à venda da forma de trabalho, para desfrute dos outros. Vadiação é, nesse sentido, um enfrentamento do sentido de tempo capitalista, o tempo do relógio da linha de produção, retilíneo uniforme. Assim, sugerimos uma compreensão outra da noção de tempo, trazendo a ideia de círculo/espiral, alternando o ritmo; ralentando e acelerando. Na Capoeira Angola, a relação entre “devagar” e “pressa” é reconfigurada, justamente para enfrentar essa noção de tempo, que durante tanto tempo roubou o direito aos negros e pobres de dedicar tempo a si mesmos e aos seus, o direito à liberdade.

Palavras-chave: *Capoeira Angola, Vadiação, Liberdade, Tempo, ócio.*

Gabriel Almeida Assumpção

Estado de fluxo (*flow state*) e controle da consciência no Tai Chi

Os objetivos da psicologia do esporte são a compreensão de como fatores psicológicos afetam o rendimento individual e o entendimento de como participar em práticas esportivas pode influenciar no desenvolvimento psicológico, na saúde e no bem-estar das pessoas. Um psicólogo importante para essa área é Mihaly Csikszentmihalyi (1934-2021), que cunhou o conceito de estado de fluxo, ou “*flow*”. Para o psicólogo húngaro-americano, os melhores momentos da vida não são passivos, mas são resultado de esforço voluntário para se conseguir algo que valeu à pena, sendo esse estado, também chamado “experiência ótima”, algo que se faz, e não que se recebe, marcado pelo desafio e expansão de nós mesmos. Como envolvem muito esforço, tanto físico quanto mental (o controle da consciência para se estar focado, não desanimar diante das adversidades e nem se distrair), tais experiências não são completamente agradáveis, podendo exigir muito esforço e certo grau de dor. Como exemplo, temos a vitória em uma corrida ou em uma luta. No estado de fluxo, uma das características marcantes é que pode ocorrer de nos sentirmos parte de algo maior, ainda que apenas temporariamente, o eu desaparece temporariamente durante o episódio de *flow*, mas após esse o eu, de algum modo, emerge mais forte. Um exemplo é a autoconfiança adquirida com a prática de artes marciais. As artes marciais chinesas, foram influenciadas pelo taoísmo e pelo *zen* budismo e, portanto, também enfatizam habilidades de controle de consciência. Ao invés de se forçar exclusivamente na performance física, como artes marciais ocidentais, a variedade oriental se direciona a melhorar o estado mental e espiritual do praticante.

Investigaremos, a partir de considerações sobre o Tai Chi Wudang, como o *flow* é obtido na prática do Tai Chi, articulando estudos de Csikszentmihalyi com artigos recentes da área de saúde e de psicologia do esporte.

Palavras-chave: consciência, Flow, Tai Chi, psicologia do esporte; saúde mental.

Gabriel Guarino de Almeida

A racionalidade marcial (理拳 lǐquán) como conceito operador da luta: contribuições desde uma etnografia do Taijiquan da Família Chen

Nesta comunicação, apresento o conceito de 理拳 lǐquán / racionalidade marcial conforme desenvolvido em minha etnografia da aprendizagem do Tai chi chuan da Família Chen (陈氏太极拳 Chén shì tàijí quán) na diáspora chinesa da cidade de São Paulo. Em sentido próprio, o termo liquan alude aos “princípios e fundamentos” expressos nos movimentos da arte marcial chinesa, nomeando simultaneamente uma estratégia de combate e um padrão para o movimento. Nos tratados teóricos internos à comunidade do taijiquan, fortemente influenciados pelo neoconfucionismo chinês (especialmente o Lixué 理学 dos irmãos Cheng e Zhu Xi), a noção de liquan aponta para a racionalidade própria de um 拳 quan (sistema de luta), algo que pode ser percebido e intuído por um observador, ao mesmo tem que experienciado e mobilizado por um lutador. O li / princípio seria então a contraface da técnica corporal, em um jogo de virtual-actual: neste modelo, uma técnica de luta ou postura (shì 式/勢) se apresenta como atualização de um princípio, que por sua vez só é conhecido e experienciado por meio do movimento. Partindo da etnografia na qual este conceito emerge, desenvolvo a comunicação em três eixos. Primeiro, apresento o Chen Shi Taijiquan como um caso da cosmotécnica chinesa, enfatizando como o conceito de liquan, entendido como “princípios e fundamentos da prática”, é central em sua pedagogia, elaboração curricular e desenvolvimento de habilidades, integrando aspectos teóricos da luta aos exercícios fundamentais de tuishou, taolu e combate. Argumento que é o conceito de liquan é um operador dessa arte marcial chinesa, que mobiliza movimento e estratégia como aspectos contínuos de uma educação da estesia centrada na integração corpo-mente e continuidade entre ação-compreensão. Em um segundo momento, relaciono as categorias nativas [li / princípio] e [shi / postura] com as proposições de Yuk Hui sobre a dialética 道/器 Dào/qì no

cosmos chinês. Para Hui, é possível pensar o problema da tecnologia na China e, portanto, do conhecimento, a partir de um longo debate mobilizado por pares conceituais tais como 体用 Tǐ yòng, 道德 dào dé, 理气 lǐ qì, sintetizando o conceito de uma cosmotécnica chinesa como modo de se pensar a união entre sujeito de conhecimento e o sujeito moral a partir dos processos técnicos – o que mobilizo para pensar a aprendizagem da técnica corporal de luta em sua gênese do aprendiz. Como terceira etapa, retomo o conceito de racionalidade médica na pesquisa em saúde, para a proposição do conceito de racionalidade marcial como uma transdução (tal qual na obra de Eduardo Viveiros de Castro via Gilbert Simondon) do conceito chinês liquan, explorando seus desdobramentos analíticos para pensar as artes marciais em geral. Trata-se, argumento, de um conceito que busca operar a arte marcial como uma via que aproxima e borra a diferença entre sabedoria e conhecimento, corpo e mente, padrão descritivo e qualidade de movimento, capaz de fornecer novas ferramentas de descrição, análise e comparação nas pesquisas sobre lutas e artes marciais em geral.

Palavras-chave: arte marcial chinesa, racionalidade marcial, cosmotécnica, taijiquan, tai chi chuan.

Gilbert de Oliveira Santos

Beleza Gestual E Filosofia Prática Na Arte Marcial

Se a prática marcial perpassa a necessidade de refletir e questionar a respeito das consequências negativas que podem surgir como resultado do seu desenvolvimento técnico, é preciso buscar algo além da função exclusivamente combativa dos seus gestos. Nessas circunstâncias, derivam-se inúmeras possibilidades que justificam o estudo da arte marcial na contemporaneidade e, dentre estas, será destacado a dimensão da beleza gestual e da filosofia prática.

Considerando que as artes marciais podem e devem ultrapassar as demandas pragmáticas e utilitaristas das formas bélicas de combate, será reivindicado e abordado essas duas dimensões que possibilitam uma espécie de transcendência estético filosófica da arte marcial.

É bastante razoável apontar que a arte marcial enquanto um fazer que visa a beleza não é tão comum de se observar nos espaços privilegiados de ensino e prática marcial, muito menos nos filmes e combates apresentados na grande mídia, apesar do termo arte estar presente logo no começo do substantivo feminino: arte marcial. Como e por que inserir beleza no gesto marcial? Quais técnicas ou escolas se aproximam ou se distanciam da dimensão poética do movimento?

A aura presente no mestre de artes marciais aponta para a existência de valores e ideais que se diferenciam da dimensão meramente física e bélica do combate. Nesse cenário, é de suma importância as correntes do pensamento oriental, tais como o budismo, o confucionismo e o taoísmo, pois, se no ocidente, a filosofia de origem grega se consolida de forma mais especulativa, nessas correntes de pensamento, irá prevalecer maior ênfase na dimensão da vivência e da experimentação, derivando uma concepção filosófica que advém de um modo

prático de existência. Como as correntes do pensamento oriental influenciam a prática marcial? De que modo elas contribuem para a constituição de uma filosofia prática na arte marcial?

É justamente a presença de um conjunto de valores estéticos e filosóficos que possibilitam a constituição de uma arte marcial, pois, do contrário, a prática marcial seria reduzida apenas a sua dimensão física de combate. Seria conceitualmente correto afirmar que os combates apresentados na mídia ou nas competições são artes marciais? Quais são os princípios que alicerçam os combates reproduzidos na mídia e nas competições que contrapõem uma estética do belo e uma filosofia prática?

Enquanto uma filosofia prática e uma estética do movimento, a arte marcial pode possibilitar o questionamento da ambivalência que reside no desenvolvimento de suas técnicas corporais: aprender arte marcial por quê? Para competir? Para se expressar? Para lutar pelo que? A resposta a estas perguntas reside no âmago do que poderíamos considerar um pensamento filosófico radical a respeito dos objetivos do estudo e da prática marcial.

Longe de querer dar por encerrada essas considerações a respeito da beleza e da filosofia prática marcial, pretende-se apresentá-las como formas possíveis de contornar o combate fundamentalmente desprovido de reflexão.

Palavras-chave: Arte Marcial; Beleza Gestual; Filosofia Prática; Pensamento Oriental; Técnica Corporal;

Gustavo Deuschle; Thiago Farias da Fonseca Pimenta

Investigação do campo da Esgrima Crioula na Fronteira Gaúcha

Este estudo se detém na investigação acerca da originalidade, criação e desenvolvimento da Esgrima Crioula, bem como sua influência com os elementos oriundos da fronteira gaúcha, região cujo Brasil, Argentina e Uruguai se separam em território, mas se unem pela mesma essência histórico-social, refletindo na construção de costumes tradicionais e comuns que formam a figura do Gaúcho. A Esgrima Crioula é uma modalidade de combate corporal com história que se confunde entre as fronteiras, atores e características de criação. Neste sentido, o presente estudo objetivou investigar as origens da Esgrima Crioula. O trabalho em questão foi pensado por integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física (GEPSEDEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). A quantidade de materiais bibliográficos encontrados foi escassa, portanto houve a necessidade de contato com agentes que lidam com a modalidade nos países que fazem parte da fronteira gaúcha, neste sentido, utilizou-se a ferramenta de entrevistas semiestruturadas com supostos agentes responsáveis pela manutenção da originalidade de tal prática para posterior análise, somadas à discussões e levantamentos bibliográficos que se relacionam com o objeto de estudo e visam a identificação de conceitos e definições que englobam os valores sociais e a busca pela resposta da constituição de espaço da Esgrima Crioula. Como ferramenta de análise utilizou-se os referenciais teóricos dos sociólogos Pierre Bourdieu e Norbert Elias, no sentido de, possivelmente identificar um campo da Esgrima Crioula, buscando, ao mesmo tempo, a compreensão dos seus processos de adaptação e desenvolvimento na prática. Até o presente momento, considerou-se que embora haja elementos em comum nas guerras envolvendo países da fronteira gaúcha no que se diz técnicas de combate, a Esgrima Crioula não se encaixa necessariamente nas definições contemporâneas de Arte Marcial. É possível

afirmar também que, no decorrer dos anos, tal prática foi modificada de acordo com a necessidade, saindo de um âmbito bélico para um espaço de espetacularização, sem necessariamente ser um desporto, confirmando uma gestão de apropriação por certos agentes que afirmam resguardar a essência tradicional de maneira original, como em épocas de guerra. Logo, se têm um processo civilizatório em cima de tal “modalidade”, que permite sua localização em diferentes espaços ao mesmo tempo. Vale ressaltar que tal pesquisa não se encerrou, sendo totalmente possível a descoberta de novos elementos que auxiliem no esclarecimento dos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: Arte Marcial. Esgrima Crioula. Espaço. Pesquisa

Hamed Golmohammadi , Sajjad Pashaie , Nazila Parnian

Trends and Themes in Combat Sports Research

This study provides an in-depth analysis of the titles of scholarly publications focusing on combat sports up to mid-March 2024, extracted from Google Scholar data. Through this review, prominent recurring keywords were identified that shed light on underlying themes and trends in the field. Notably, terms such as 'combat sports', 'athletes', 'systematic review' and 'martial arts' emerged as central to combat sports research, indicating a dedicated focus on specific disciplines and methods. The repetition of these and other highly repeated keywords obtained emphasizes their pivotal role in shaping the advancement of knowledge in combat sports research. Using both quantitative and qualitative methods, this research aims to provide a comprehensive analysis of articles related to combat sports, using word cloud visualization to summarize and assess the relevance of information. Despite the benefits and insights provided by combat sports research, challenges remain, including the methodological and theoretical complexities inherent in studying this dynamic phenomenon. Addressing these challenges requires interdisciplinary collaboration, innovative methodologies, and ethical research practices to increase the credibility and impact of combat sports research.

Keywords: Combat sports, research, word cloud, trends in sports

Héctor Díaz Matus y Juan Serey Aguilera

El Brazilian Jiu-Jitsu de acuerdo a John Danaher: Una aproximación desde el pragmatismo conceptual de Robert Brandom

John Danaher, uno de los más conocidos y exitosos entrenadores de bjj en el mundo, posee una aproximación a este arte marcial cuyas raíces, creemos, se pueden encontrar en la aplicación de conceptos esenciales del pragmatismo.

Esta articulación depende de la noción fundamental introducida por Robert Brandom, la de “hacer explícito” un contenido conceptual. De esta manera, la interpretación de lo que un concepto significa se convierte en lo que un concepto puede hacer. Esto implica la preeminencia de la pragmática sobre la semántica conceptual. En un episodio de *The Joe Rogan Experience*, Danaher interroga al anfitrión del podcast -en un diálogo de forma socrática- acerca de la naturaleza del jiu jitsu y la necesidad de que su lucha se lleve a cabo en el suelo. Frente a esto, Rogan comienza a esbozar respuestas (“el bjj proviene del judo...”, “es más sencillo controlar a alguien en el suelo”, “hay una superficie, el suelo, que permite tener mayor control”). Frente a esto Danaher sostiene que llevar una pelea al suelo conlleva “disminuir de manera dramática la explosividad dinámica del oponente”, lo que “hace desaparecer el elemento más peligroso en una pelea: el movimiento rápido y dinámico.”²

Lo que podemos ver aquí es que Danaher no está haciendo descripciones generales de lo que es el bjj, sino que apunta al concepto fundamental que *hace explícito* lo que se encuentra en la

práctica o la acción descrita y, al mismo tiempo supone un compromiso modal -es decir, *establece la necesidad* del curso de acción sugerido. De ahí que podamos traducir su concepción del bjj a la luz del pragmatismo de Robert Brandom, para quien la naturaleza de un concepto reside en la capacidad de poder establecer redes de inferencias a partir de sus posibilidades materiales. Es por ello que la aplicación de un concepto consiste en saber *qué se sigue de él* (2002, p. 61), dentro de una red inferencial de necesidades materiales propias de la naturaleza de los conceptos involucrados. Esto, como es obvio, es propio de la actividad de un sujeto que adopta ciertos compromisos (*commitments*) conceptuales (Brandom, 1992, p. 142; 2008, p. 112; 2009, p. 38; 2019, p. 381) que al reconocer y adoptar una cadena conceptual-inferencial específica supone entonces un curso de acción determinado que excluye otros cursos de acción que compiten con aquel. A partir de esto quisieramos explorar en nuestra exposición cómo se articulan los elementos pragmáticos -en el sentido de Brandom- con la enseñanza y práctica de algunos conceptos técnicos introducidos por Danaher.

Palabras clave: Bjj; Pragmatismo; Conceptos

Jason Holt

Aesthetic Dimensions of Taekwondo

Much sport aesthetics concerns sport generally or broad distinctions between different types of sport or spectatorship. But some sport philosophers have examined the aesthetics of particular sports for the sake of identifying unique or more widely representative aspects of their aesthetic appeal. In the latter vein, I examine the aesthetics of taekwondo in terms of an aesthetic appeal that is in some respects unique and in others shared, to some degree, with other combat sports and martial arts.

I begin with critical discussion of an earlier, and perhaps the first, philosophical analysis of the aesthetics of taekwondo (Coelho et al. 2012), situating mine as a different but complementary approach. Where Coelho et al. focus on the aesthetic experience of athletes, I am interested in aspects of the sport that are aesthetically appreciable to athletes and observers alike. I argue that the largely Kantian framework they adopt fits far less comfortably with the aesthetic experience of athletes than would Dewey's view stressing engagement rather than psychological distance. Where they leave implicit what is aesthetically appreciable about taekwondo itself (in contrast to other sports), I draw on a five-level analysis for the aesthetics of sport (Holt 2020) to help home in on a more focused and detailed understanding of taekwondo aesthetics.

In contributing to this discussion, I analyze three significant elements of taekwondo aesthetics. The first is spectacular kicks, which are appreciable not only in taekwondo but in MMA, which borrows such techniques often with highlight-reel worthy results. The second is

an analogy with soccer. Part of the aesthetic appeal of soccer is owing to significant restrictions placed on use of the hands. Similar limits on hand use in taekwondo, I argue, make it “the soccer of martial arts.” Furthermore, I argue that the agon aesthetics Borge (2019) proposes for soccer is heightened in the context of a combat sport, where the appeal of the struggle is less artificial and more primal (though this appeal will vary across combat sports depending on degrees of artificial constraint). Third, taekwondo enjoys a rare (if not entirely unique) status as both a martial art and a combat sport. Martial arts and combat sports have related but different kinds of aesthetic appeal, and for those who appreciate both, the convergence is nothing short of compelling.

Keywords: aesthetics; taekwondo; combat sport; martial art

João Marcelo Saraiva

Filosofia E Artes Marciais: Contribuições a partir da Epistemologia da Ignorância

Atualmente, há um crescente interesse na epistemologia em relação à investigação sobre a ignorância. Nesse sentido, epistemólogos têm direcionado sua atenção para questões que abordam a natureza, definição e produção de ignorância. Este campo de pesquisa é comumente referido como “epistemologia da ignorância”.

Esse estudo examina as relações entre a produção deliberada de ignorância e a prática e ensino de artes marciais. Será argumentado que a prática de artes marciais contribui com a produção deliberada de ignorância de um tipo específico e que, além disso, esse tipo de ignorância pode revelar aspectos pedagógicos e práticos que são benéficos a um artista marcial.

Para cumprir com o objetivo dessa apresentação, irei adentrar ao território da epistemologia da ignorância e argumentar que a prática de artes marciais pode revelar e modificar aspectos que dizem respeito à relação de um sujeito com sua própria ignorância.

Dessa forma, destaca-se que a prática de artes marciais incentiva uma modificação no grau de ignorância de um sujeito ao fazer este passar de um estado de meta ignorância (quando um sujeito não sabe que não sabe) para um estado de ignorância de primeira ordem (quando um sujeito sabe que não sabe). Nota-se que essa modificação revela um aspecto intrínseco à prática de artes marciais: sua relação com a violência. Nesse sentido, um sujeito violento e egóico, que pode usufruir de estereótipos como os de “machão”, “fortão”, “briguento, etc... e que possui meta ignorância sobre suas próprias capacidades físicas (acredita que consegue bater em todo mundo por ser machão mesmo nunca tendo brigado, por ex) pode compreender

que não sabia aquilo que acreditava saber ao participar de um espaço onde os seus oponentes que incluem mulheres, pessoas mais leves, etc, podem fisicamente vencê-lo e confrontar essa ignorância.

Portanto, pretendo concluir que um dos aspectos pedagógicos das artes marciais se evidencia ao modificar a relação de um praticante com sua própria ignorância, e, portanto, a partir dessa modificação as artes marciais podem contribuir com diversos fatores, como a compreensão da violência, o controle do ego e o ensino da humildade. Portanto, essa reflexão parte de uma área específica da epistemologia e utiliza de suas ferramentas teóricas para compreender e iluminar aspectos da prática e ensino de artes marciais.

Palavras-chave: epistemologia; ignorância; artes marciais; epistemologia da ignorância

João Luís de Moraes Rocha

Idiossincrasia e desportos de combate – 60 anos de observação participante

Entendendo por idiossincrasia a característica comportamental ou estrutural peculiar a um indivíduo ou a um grupo, o presente estudo pretende surpreender, ao longo de 60 anos de observação participante, as características particulares de professores e praticantes de diferentes desportos de combate como sejam a Luta Greco-Romana e Livre Olímpica, o Jogo do Pau, o Judo, o Taekwondo, o Iaido e o Jiu Jitsu Brasileiro.

Abrangendo um período de seis décadas, surpreendem-se alterações de atitude e comportamento em cada um dos desportos de combate ao longo do tempo, expressando-se ao nível individual e de grupo.

Joseph D Lewandowski

Competition or Cooperation?: Rethinking Youth Boxing

Global participation in the sport of boxing is widespread among youth, especially in urban areas with high concentrations of ethno-racial division and socio-economic marginalization. Generally speaking, boxing in such contexts is viewed as a sport in which youngsters are able to channel the arbitrary violence and aggression of their everyday lives in the controlled violence of organized pugilistic competition. Youth boxing, in other words, is construed as a sport that fosters self-discipline, structure, and respect, and, moreover, can serve as an antidote to the random violence of ‘the street’ for urban youngsters. This presentation seeks to move beyond such a stereotypical account of the function of youth participation in the sport of boxing. While boxing may teach the art of controlled violence, for health reasons (e.g., repeated concussive head injuries) youngsters—especially those from impoverished backgrounds—should not compete in the sport. That is not to say that youth boxing should be banned. On the contrary, there are crucial normative lessons to be learned in the cooperative practice of sparring in boxing and, in fact, combat sports more generally. Indeed, the practice of sparring teaches reflexive forms of social cooperation and mutual collaboration that youngsters may not otherwise learn outside of the gym. In sum, it is not competition but rather the mastery of such a cooperative ‘moral grammar’ that should serve as the primary objective of participation in youth boxing.

Keywords: Boxing Violence Sparring Social Cooperation

Juliana A. de O. Camilo; Carolina Hamodi Galán

En la lucha por el trabajo decente en el contexto de las artes marciales

Atletas de diferentes modalidades de combate tienen destacados cuerpos en los medios de comunicación, casi siempre de manera vigorosa, saludable y con toques de sensualidad. También se potencian los deportistas considerados “millonarios”, sin tener en cuenta que la abrumadora mayoría en todo el mundo tiene escasos o nulos recursos financieros para continuar mínimamente con su entrenamiento y su profesión de manera digna. Es esencial decir que las hiper demandas que ocurren en este contexto comprometen no sólo los cuerpos de los deportistas, sino también su salud mental. En esta dirección, los estudios muestran que los deportistas de élite son vulnerables a los trastornos mentales, siendo los más comunes el de ansiedad, el depresivo, el alimentario, el obsesivo-compulsivo y el bipolar. Sin embargo, es importante destacar que los estudios sobre salud mental en el contexto del deporte de élite se ubican en una lógica casi siempre individualizadora, con el uso en muchos casos de "técnicas de control de la mente" para reducir los impactos de la actividad en la salud, pero sin problematizar la lógica que involucra el contexto deportivo, como la falta de condiciones mínimas de trabajo, el acoso y la explotación.

Además de los riesgos e impactos biopsicosociales inherentes a la práctica deportiva de alto rendimiento, también se encuentran en la vida de estos deportistas las marcas de los efectos nocivos de la falta de regulaciones laborales. Para ilustrar, es común actuar con lesiones graves y acelerar prematuramente la recuperación, lo que a largo plazo puede incapacitar para la actividad física, ya sea de alto rendimiento o no. La invisibilidad y la falta de protección legal resultan en diferentes impactos, ya sean económicos, sociales o de salud, contribuyendo

además a la relación de dependencia y explotación con los clubes, patrocinadores, dueños de gimnasios y empresarios en general.

Por lo tanto, esta comunicación se dedica al análisis del contexto deportivo en las luchas y la invisibilidad del trabajo de los atletas considerados profesionales en la modalidad, desde la perspectiva del Trabajo Decente presente en la Agenda 2030 de las Naciones Unidas (ONU). Las luchas no son solo una forma de expresión cultural y física, sino también una fuente de sustento para muchas personas en todo el mundo. Así, pretendemos debatir aquí cuestiones como la equidad salarial, la seguridad en el lugar de trabajo, el acceso a la atención médica y la protección social. Las organizaciones relacionadas con las artes marciales, los gobiernos y la comunidad internacional tienen la responsabilidad de colaborar en la promoción de estándares laborales justos para aquellos que trabajan en este ámbito. Esto podría incluir el establecimiento de regulaciones claras, la creación de programas de formación y certificación, y la sensibilización sobre los derechos laborales. Esto implica combatir la explotación laboral, promover la igualdad de género en el sector y brindar oportunidades para el desarrollo profesional y personal.

Palavras-chave: Trabajo Decente; Salud Mental en el Trabajo; Psicología Social; Sociología del Trabajo, Sociología del Deporte.

Leopoldo Katsuki Hirama; Cássia dos Santos Joaquim; Diego Alves Ribeiro Queiroz; Gustavo Yuji Uchida Rodrigues; Paulo Cesar Montagner

Heteronomia como passagem para a autonomia moral no ensino das lutas

As lutas são conhecidas como espaços de ensino tradicionalmente heterônomos, onde as condutas, regras e rotinas são determinadas pelo mestre e impostas aos demais praticantes, não raro, sem qualquer discussão ou busca pela compreensão de tal conjunto de normas. Essa tradição é mantida de mestre a discípulo e, de certa forma, perpetuada. No entanto, defendemos que a heteronomia como fase do desenvolvimento moral, como explica Jean Piaget e Lawrence Kohlberg, não é inadequada, desde que entendida como etapa para a autonomia. Em estudo longitudinal acompanhando um grupo de crianças e adolescentes de 7 a 14 anos no ensino do Judô durante cinco anos, em um projeto Programa de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), vivenciando propostas para o desenvolvimento da personalidade moral a partir dos dilemas próprios do aprendizado da modalidade, percebeu-se a importância determinante da imposição inicial das regras de conduta para a criação do que Josep María Puig chama de cultura moral. No entanto, tal ação heterônoma, como a exigência dos tradicionais rituais de cumprimento, de respeito ao próximo e ao ambiente, de corresponsabilidade nos cuidados com colegas, pontualidade, materiais e espaço sempre foi acompanhada da busca pela compreensão e suas razões. Este conjunto de atitudes permitiu inicialmente que o ambiente se tornasse viável

pedagogicamente e que, gradualmente, dilemas morais pudessem ser resolvidos de forma autônoma, conforme a maturidade de cada aluno. No entanto, a criação deste ambiente inicial pautado na heteronomia seguiu alguns critérios como regras claras e de fácil entendimento, incluindo possíveis sanções de diferentes níveis adequadas à transgressão realizada, podendo chegar a não participação na aula, a manutenção de uma rede de apoio aos alunos, de modo a enfrentarem suas dificuldades e superarem as frustrações, mas sem retirar suas responsabilidades por seus atos. Com o passar dos anos os alunos passaram a apresentar atitudes de entendimento e autonomia moral cada vez mais complexos, como a importância do auxílio entre os colegas, a responsabilização dos mais velhos para com os mais novos, exemplificados em atitudes de apoio e auxílios dos alunos mais velhos ao mais novos, tomadas de decisão para diversas situações como organização de evento e levantamento de recursos. Finalmente, entende-se que o processo da construção da personalidade moral vivenciado em suas diferentes fases, da heteronomia para a autonomia, contou com a colaboração de outras características adotadas no ambiente esportivo construído, ao mesmo tempo que as potencializou, como o sentimento de pertencimento, o ensino contínuo e aprofundado da modalidade, o estreitamento das relações entre alunos e estes com seus professores. Desta forma conclui-se que as etapas da heteronomia são necessárias para se alcançar a tão esperada autonomia moral.

Luana da Silva Coelho; Edson Diego Silva Barbosa

Ancestralidade, Capoeira E Luta: Diáspora De Um Povo Em Busca De Liberdade

Este artigo aprofunda-se no estudo da capoeira como uma expressão cultural rica que transcende a mera atividade física, explorando sua estética e como ela se entrelaça com a cultura corporal de seus praticantes, refletindo a diáspora africana e a incessante busca de um povo por liberdade. A capoeira, com suas raízes fincadas na ancestralidade africana trazida ao Brasil pelos escravizados, desenvolveu-se como uma forma de resistência e expressão, onde a luta, a dança, a música e a espiritualidade se fundem para criar uma prática profundamente enraizada na luta pela liberdade e igualdade. Através de uma metodologia qualitativa que inclui revisão da literatura, registros de entrevistas com mestres de capoeira e estudos de casos, o estudo destaca como a estética da capoeira – seu movimento, ritmo e expressão corporal – não só preserva a memória e a história da resistência africana e afro-brasileira, mas também como essa prática se atualiza e se reinventa nas comunidades de diáspora pelo mundo. Nossa pesquisa demonstra que a capoeira é uma ferramenta poderosa de afirmação cultural e identitária, promovendo o senso de pertencimento e continuidade histórica entre seus praticantes. Além disso, discutimos como a capoeira, em sua essência, desafia as normativas sociais e culturais dominantes, promovendo uma filosofia de vida que valoriza a liberdade, a criatividade, a resistência e a solidariedade. Ao analisar a capoeira como um fenômeno cultural e estético, o estudo revela como os praticantes incorporam e expressam em seus corpos os valores, as histórias e as lutas de seus ancestrais, criando uma linguagem corporal única que resiste à homogeneização cultural e celebra a diversidade. O papel da capoeira na educação e na inclusão social também é examinado, indicando como essa prática

pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica que ensina história, cultura, respeito mútuo e consciência social. Concluímos que a capoeira é um exemplo vívido de como a cultura corporal pode servir como um veículo para a transmissão de conhecimento, a construção de identidades e a promoção da liberdade e justiça social. Este trabalho contribui para o campo dos estudos culturais e da educação física ao iluminar a complexidade da capoeira e sua relevância para compreender as dinâmicas de poder, resistência e identidade dentro da diáspora africana e além. Ao fazer isso, chamamos a atenção para a necessidade de reconhecer e valorizar as práticas culturais de resistência como a capoeira, não apenas como patrimônio cultural, mas como um elemento vivo e transformador nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Capoeira, Cultura corporal, Diáspora africana, Resistência cultural, Ancestralidade.

Luciana Neder Giancristoforo; Ana C. Zimmermann, Soraya C. Saura.

“O mosquitinho do tatame me picou”: a experiência do jiu-jitsu na vida das mulheres

Segundo a ONU Mulheres (2022, s/p), “o esporte é uma plataforma fundamental para a promoção da igualdade de gênero e para o avanço no empoderamento de meninas e mulheres”. Essa transformação social por meio da vivência e da experiência no jiu-jitsu pode trazer impactos na vida pessoal, profissional e social de mulheres lutadoras. Portanto, esta pesquisa está buscando compreender como a experiência do jiu-jitsu afeta o estilo de vida das mulheres, sob o olhar fenomenológico. As 6 (seis) entrevistadas são mulheres com mais de 10 (dez) anos de prática ininterruptas de jiu-jitsu e vivem o esporte dentro e fora do tatame. Nos depoimentos, as lutadoras relatam que as aprendizagens no jiu-jitsu transcendem técnicas e exercícios físicos, e perpassam pela mudança de comportamento, melhora da saúde física e mental, melhora da alimentação, além do desenvolvimento de habilidades que as auxiliam no dia a dia. As entrevistadas descrevem em profundidade suas particularidades, como transformações na vida pessoal, o aumento da percepção corporal junto ao aumento de habilidades físicas, a centralidade no autocuidado, mudanças na forma de ver, viver e se relacionar com o mundo.

Uma frase muito comum entre as lutadoras é: “o mosquitinho do jiu-jitsu me picou!”. Para elas, quando uma pessoa é “infectada” pelo jiu-jitsu, passa a experienciar um envolvimento profundo. Merleau-Ponty (1999) aponta para o “corpo-próprio”, onde este corpo não é simplesmente um objeto no mundo, mas é a nossa maneira de estar no mundo. Segundo Nóbrega (2016), “a síntese do corpo próprio ocorre na relação com o mundo”, onde por meio

desse corpo experienciamos o mundo e a nossa consciência é corporificada. Segundo Zimmermann e Saura (2019, p.126), “a corporeidade é então a condição humana, o modo de ser do humano que não está reduzido a um corpo individual, mas implica também uma vinculação com outros corpos, com o mundo.”

Nossos corpos para além de instrumentos de interação com o mundo, são parte integrante de ser-no-mundo, sendo parte e carne do mundo. Este trabalho busca desvelar como a experiência dessas mulheres no jiu-jitsu está enraizada na corporeidade, tornando-se parte significativa na vida pessoal, profissional e social.

Palavras-chave: Jiu-Jitsu, Fenomenologia, Artes Marciais, Mulher.

Luciano Garófalo

Pólis y pugilato. La sphairomachía en la agogé espartana

La politeía de los lacedemonios ha inspirado durante siglos los juicios más diversos en cuanto modelo político. Incluso dentro de Atenas, ciudad-Estado rival con la cual se enfrentó bélicamente en varias oportunidades, hubo reconocidos *philolakōnes*: entre ellos, Critias, tío de Platón y miembro de los Treinta, y este último también. Para otros, no por casualidad defensores de la democracia ateniense —como Demóstenes, o bien, algunos teóricos críticos, por ejemplo, Aristóteles—, el régimen espartano resultaba severo en su austeridad, brutal en su educación y, a la postre, insostenible en el tiempo. Ahora bien, independientemente de la postura que uno tenga frente al modo de organizar la vida en común en Esparta y las ciudades aledañas bajo su control, lo cierto es que no hubiese sido posible sin la particular institución educativa de la *agōgē*, la cual tenía un propósito no sólo instructivo (*i. e.* alfabetizador), sino ante todo cívico. Es decir, su fin consistía, principalmente, en formar a los ciudadanos de pleno derecho para la actividad que más propiamente les corresponde como “iguales” (*hómoioi*) dentro de la *pólis*: la guerra.

En este contexto se inserta la discusión que se pretende abordar en la ponencia, a saber, la cuestión del lugar del pugilato (*sphairomachía*) en la educación cívica de los lacedemonios. Como es sabido, de acuerdo con lo que nos dice Plutarco (cf. *Lyc.* 13. 1-11.), se le atribuye a

la figura legendaria del legislador Licurgo la transmisión oral y el establecimiento del conjunto de normas que regularon por siglos la vida en Esparta. Tales preceptos son mayormente conocidos como la “Gran Retra” (*Megálē Rhētra*) o “Gran Proclamación”, puesto que, según diversas fuentes de la Antigüedad (Plutarco inclusive), Licurgo no dejó leyes escritas, basándose en la creencia de que una ciudad inculca sus normas en los caracteres (*ēthesin*) de sus habitantes a través, justamente, de la educación y de la firmeza de la virtud que con ella se alcanza; no por medio de contratos que cambian con el tiempo y las necesidades. Dentro de las sanciones establecidas en dicha legislación surge el problema de si, en efecto, el pugilato formó parte de las actividades pedagógicas de los jóvenes espartanos (*sphaireís*) o, por el contrario, fue prohibida con vistas a evitar que se acostumbraran a la derrota, debido a que podían levantar la mano y rendirse en lugar de luchar a muerte (cf. Plut. *Apoph. Lac.* 228D). A partir de la incongruencia entre ambos testimonios, A. M. Woodward (1951) descartó el pugilato como parte del itinerario formativo de los lacedemonios y, apoyándose en un sentido particular de *sphaira*, supuso la práctica de un deporte con balón esférico como solución. Antes que él, K. M. T. Chrimes (1949) había defendido, pese al conflicto entre los pasajes de las obras de Plutarco, el cultivo de la *sphairomachía* en la *agōgē* espartana. En la presentación se llevará a cabo, pues, un análisis de las evidencias textuales mencionadas y otras más que resultan decisivas para evaluar en conjunto la posición de ambos autores.

Keywords: Filosofía del Deporte, Historia del Deporte, pugilato, kick-boxing, educación.

Luís Fernando Mendes Teixeira; Claudio Bispo de Almeida

Projeto De Extensão Universitária Em Karatê

O karatê é uma arte marcial de origem japonesa e significa “caminho das mãos vazias”. Hoje é também praticado como esporte de combate ou como exercício físico trazendo diversos benefícios aos seus praticantes, como por exemplo, melhora do condicionamento físico, cognitivo e emocional. O estilo Shotokan, fundado pelo professor Gichin Funakoshi na ilha de Okinawa, teve forte aproximação com a educação. Funakoshi foi convidado pelo Ministro da Educação para realizar uma apresentação pública de karatê e posteriormente adentrou às escolas e universidades japonesas, em seguida. O objetivo do presente estudo é relatar as experiências vivenciadas no projeto de extensão em Karatê no ano de 2023. Trata-se de um relato de experiência, qualitativo. O projeto de extensão em Karatê foi criado no primeiro semestre de 2023, pelo Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus da cidade de Guanambi, Bahia, Brasil. Sabe-se que esportes de combate, aliados à metodologia de ensino, promovem o desenvolvimento integral de seus praticantes. Neste sentido, o objetivo do projeto foi utilizar o karatê, principalmente, como meio educacional, além de incentivar boas práticas à saúde, e de promover treinamento físico. As atividades foram desenvolvidas no Colégio Municipal Josefina Teixeira de Azevedo, com alunos do ensino fundamental. Aconteciam às terças e quintas-feiras, com duração de 60 minutos por aula, comportando até 30 alunos. Trabalhou-se aspectos: educacionais teóricos (história e aspectos filosóficos do karatê) ministrados em sala de aula convencional e não próprio tatame; e práticos, nos quais as aulas alternavam o ensino dos movimentos básicos (kihon) com a execução de sequências

de movimentos que simulavam uma luta imaginária (kata) e iniciação à luta (kumitê). As aulas aconteciam em tatame disposto ao ar livre no pátio da unidade de ensino parceira, e eram ministradas por um monitor estudante de educação física e iniciante na prática de karatê e por um professor doutor também praticante de karatê faixa preta 5º Dan do estilo Shotokan. O projeto foi relevante para toda a comunidade envolvida, desempenhando um papel eficaz na vida dos praticantes, os quais mostraram domínio das técnicas e dos aspectos teóricos abordados até aquele momento. O código de ética do karatê foi não repetido ao final de todas as aulas, como também foram realizadas conversas no intuito de auxiliar na interpretação dele como parte do estilo de vida dos praticantes desta modalidade. Destaca-se que os alunos se fizeram presentes em alguns eventos como: “Seminário de Artes Marciais da UNEB”; “Festival de Karatê” e; “Exame de graduação”, nos quais puderam interagir com outros praticantes desta modalidade da cidade. Tais eventos marcaram o Campus da UNEB e a comunidade em geral. Conclui-se que, apesar de estar em andamento, percebe-se o avanço das crianças e adolescentes não só nas técnicas do karatê, mas no poder de concentração, respeito e autocontrole. Com essa pequena trajetória é perceptível a importância do projeto para comunidade, e por isso existe o planejamento para continuidade do projeto no ano de 2024.

Palavras-chave: Artes Marciais. Educação. Saúde. Esportes.

Matheus Oliva da Costa

Seria o Taijiquan 太極拳 uma arte marcial? Uma investigação a partir da teoria da nomeação correta

Defendo que para o Taijiquan ser considerado uma arte marcial deve ter explicitamente práticas de luta corpo a corpo e de preparação ao combate. Segundo a teoria da nomeação correta, há três fundamentos que propiciam a nomeação correta: (1) acordos sociais, (2) linguagem clara compreensível, (3) argumentos e classificações que a justifiquem. O método de investigação do termo consiste em examiná-lo, observar a ação relacionada a ele (sua ilocução) e a sua precedência histórica. Meu argumento é que, como o termo quan/chuan 拳 tem um sentido de boxe, pugilismo ou luta, a prática do Taijiquan deve incluir explicitamente esse aspecto. Caso contrário, deveria mudar de nome, já que se for uma prática que nomeia uma forma de luta sem ter de fato exercícios de luta, seria uma falácia que promove enganos sobre a realidade a que busca referenciar.

Palavras-chave: Taichichuan; luta; linguagem; Xunzi; Zhengming.

Marcela Geovana Alves Fiuza; Carolaine Oliveira de Jesus; Iris Cardoso Moreira Teixeira; Claudio Bispo de Almeida

Projeto De Extensão Em Taekwondo Da Pedagogização Ao Treinamento: Um Relato De Experiência

O taekwondo é uma arte marcial de origem coreana que significa “caminho dos pés e das mãos” por durante muito tempo ser utilizada como forma de defesa. Durante o período em que a Coreia do Sul foi dominada pelas forças japonesas, o taekwondo foi proibido, sendo impostas a prática de outras artes marciais. Com o retorno a liberdade coreana, o taekwondo voltou a ser praticado como esporte local, e alcançou o status de esporte olímpico. O taekwondo pode ser visto hoje como arte marcial, esporte de combate, exercício físico ou como uma filosofia de vida, que trabalha o equilíbrio humano, bem como o desenvolvimento de valores éticos, disciplina e autocontrole. Este estudo objetiva relatar a experiência vivenciada no “projeto de extensão em taekwondo: da pedagogização ao treinamento” durante o ano de 2023, promovido pelo Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Lutas, Artes Marciais e Esportes de Combate da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no município de Guanambi, Bahia, Brasil. Portanto, trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa. O referido projeto foi criado em 2005 funcionou até 2016 e teve uma parada de seis anos (2017-2022), sendo retomado em 2023. Com o mesmo propósito, teve como objetivo “ofertar a prática do taekwondo de forma gratuita e de qualidade às crianças (a partir de 06 anos de idade), adolescentes e adultos”. Foi desenvolvido nas dependências na UNEB, por meio de aulas presenciais duas vezes por semana, com duração de 60 minutos diários, organizadas em atividades técnicas e táticas, planejadas antecipadamente pelas monitoras e pelos professores orientadores. Ressalta-se que o público alvo, preferencialmente, não tenha praticado outra arte marcial e nunca tenha treinado o

taekwondo, especificamente. O taekwondo foi utilizado como instrumento metodológico para o ensino do esporte, e mostrou-se eficaz, uma vez que há uma boa aceitação dos participantes, comprovada pela aderência e baixo número de desistência. Percebeu-se o desenvolvimento das técnicas trabalhadas, no caso os movimentos exigidos para iniciantes, faixa branca, sendo perceptível a ampliação em seu repertório de habilidades e conhecimentos motores necessários à prática do desporto. Outro ponto observado foi a mudança comportamental, como por exemplo, o respeito às regras e aos códigos estabelecidos no taekwondo, com ênfase no cumprimento de seus deveres diante do contexto familiar. Os participantes do projeto tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e de interagir com outros praticantes de taekwondo durante dois eventos, são eles: “Seminário de Artes Marciais da UNEB”; e o “Festival de Taekwondo”, ambos realizados pelo mesmo núcleo de pesquisa citado anteriormente. Além dos aspectos expostos, a interação da instituição UNEB (discentes e docentes) com a comunidade local (pais e alunos) foi um fator positivo no desenvolvimento do projeto. Assim, ao relatar as experiências com o taekwondo neste projeto de extensão, pode-se considerá-las como positivas em diversos aspectos, tais como, técnicos, educacionais e comportamentais.

Palavras-chave: Artes marciais. Educação. Lutas. Relações Comunidade-Instituição. Universidade.

Paulo Antunes

Huizinga: tudo é “play”; ou de como o “sport” pode ser “falso-play”

O “play” tem para o historiador dos Países Baixos, Johan Huizinga, uma origem “pura” que perpassa a sua formalidade para as diversas atividades humanas, desde as artes à política, à guerra, e aos demais fatores sociais. Será nas crianças que se apresenta mais límpido, sem a mediação dos adultos, dado que esta intrusão pode fazer do “play” um “falso-play”, como para o autor acontecia no seu tempo, nos anos de 1930.

Este decair do “play” também se associa a uma “seriedade” que começava a tomar conta da sociedade, seria o caso da profissionalização do desporto ou da perda de “fair play” na política, p. ex., nesta abandonavam-se os modos de contenda alegadamente sadios que teriam existido desde o século XVIII para trás, sobretudo no estilo parlamentar. Até as roupas mereciam o seu reparo: estavam uniformizadas e perdiam a espontaneidade. Este é só um pequeno apontamento de como os resultados da revolução industrial também chocavam o autor, especialmente na afirmação de um modo de vida moderno.

O pessimismo huizingiano que daí se vai extrair – o qual, por vezes, assume tons quasi-apocalípticos – apresenta uma relação muito especial com o seu contexto: ele escrevia em plena ascensão nazi na Alemanha, evento que o angustiava, ao mesmo tempo que também se repudiava, ao jeito da alta-roda, com a participação das massas na vida quotidiana.

Mas Huizinga não enceta esta trajetória teórico-política sem impedimento conceptual, digamos assim, e é este que vai guiar a nossa apresentação e crítica. Com efeito, a partir de alguns dos seus principais argumentos, seguem-se resumidamente os três momentos para debate: uma confusão conceptual entre “*play*” e “*game*”; uma contradição entre os próprios termos do autor aquando de uma comparação entre o “*play*” (sobretudo ocidental) no passado e no presente; e um *engagement* que se co-relaciona com ambos.

Com esta trajetória expositiva, a hipótese huizingiana de um “falso-jogo” também deve ficar mais bem esclarecida. Porquanto não é casual quando o autor exclui o desporto profissional do âmbito do “*play*”, porque o entende como parte de uma “*earnest*” já não compatível com este. Ao invés, a nosso ver, esta condição de jogo – a profissional – seria perfeitamente compatível com uma noção de “jogo” que se percebesse não confluída com uma lúdica

Com esta comunicação, é tempo de *irmos a jogo* com um dos principais pensadores do “*play*” e do “*game*”.

Palavras-chave: Cultura; Desporto; Jogo/Jogar; Puerilidade; Seriedade.

Przemysław Pawelec

The Aesthetics Of Combat Sports In Virtual Reality Environments

Aesthetics understood as a field of knowledge concerning all kinds of reality, but without a direct relationship with high or popular art. In this approach, the individual aesthetic experience of each recipient of new media (Gilchrist, Wheaton 2013) familiarizing themselves with combat sports depicted in them becomes particularly important. Additionally, "(...) The two-sided aesthetic dimension included in the athlete's actions is related to the high aesthetic experience that emerges in the works of art and is primarily contained in the artist's work and the aesthetic experience that appears in the audience watching the artwork" (Satıcı 2022).

The conducted qualitative analysis will address the issue of the aesthetics of combat sports presented by selected virtual reality environments (e.g., content and applications of video games and specialized programs). New media will be examined, which create and transmit content related to combat sports, particularly those disciplines emphasizing the spectacle of matches (e.g., Mixed Martial Arts).

Palavras-chave: new media, aesthetics, qualitative analysis

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel; Luísa Ávila da Costa

Knock Out Justo Ou Golpe Baixo? Reflexões Sobre A Participação De Atletas Trans Nos Desportos De Combate

Esta reflexão se embasa nos alicerces filosóficos e epistemológicos que contemplam o conceito de desporto de forma lata. Contudo, sob um viés competitivo estrito, o Agon (princípio da igualdade e justiça esportivo-competitiva, concretizado também na definição de categorias de peso, sexo, idade e afins) não pode ser ferido, caso contrário a estética e a ética poderão resultar também comprometidas. Seguindo essa perspectiva, a junção impositiva de competidores trans em competições do desporto feminino confere consequências com potencial de ferimento no que tange o campo biológico do princípio do Agon. Sem deixar de reiterar a apologia de que todos (sem exceções) têm direito à prática esportiva, tal afirmação demanda pelo respeito dos direitos de todos a quem as consequências dessa prática se aplicam. O esclarecimento e distinção entre o conceito de atleta transgénero e de atleta transsexual constitui um pressuposto fundamental para a discussão, na medida em que nem todas as sociedades obrigam à mudança de sexo para a concretização da mudança de género do ponto de vista civil. Já do ponto de vista desportivo uma mulher transgénero (geneticamente masculina) sem qualquer transformação física ou biológica não se equipara do ponto de vista agonístico a uma mulher transsexual (geneticamente masculina) que se submeteu a uma transformação hormonal e/ou cirúrgica para mudança de sexo e, por sua vez, nenhuma das anteriores se encontra em circunstâncias de justiça agonística com uma mulher cis (geneticamente feminina). Assim, de fato, a criação de uma terceira categoria competitiva revela-se oportuna, no sentido de que o respeito por todos inclua a população para além da população trans. É esperada a refutação baseada no argumento de que não haveria número de

participantes suficientes para isso. Pois bem, neste ensaio serão discutidas duas respostas a isso: a primeira, reside no facto de que a preocupação com a inclusão da pessoa trans no desporto feminino é um fenómeno relativamente recente, logo, como tudo o que é novo e incipiente requer tempo de estabelecimento e acomodação na sociedade, no sentido de salvaguardar os direitos e oportunidades dos atletas trans assim como de todos os demais; em segundo lugar, deter-nos-emos sobre a natureza impositiva destes esforços inclusivos, equacionando possibilidades de natureza opcional no que diz respeito à resposta de aceitação ou não, por parte dos atletas cis, de competir contra o atleta trans. Assim, as atletas que livre e deliberadamente aceitassem competir com atletas trans estariam cientes das possíveis consequências, vantajosas ou desvantajosas, dessa participação. Recorreremos, por analogia, ao exemplo que pode ser observado na categoria “absoluto” no Jiu-jitsu, onde atletas de pesos diferentes competem entre si de maneira ciente e acordada entre todos, analisando suas consequências para todos os participantes (de maior ou menor peso).

Palavras-chave: lutas; artes marciais; transgénero; transsexual; agon.

Rebeca Cardozo Coelho; Luísa Ávila da Costa

A Estética E A Ética Nos Desportos De Combate

O desporto de combate é um cenário de confronto entre dois oponentes, quase como um duelo. Os praticantes enfrentam o desafio de encontrar o momento preciso ou uma sequência técnica perfeita que lhes permita executar um golpe certo e, possivelmente, triunfar. Falar do desporto de combate em geral é um exercício arriscado, pois o conceito de desportos de combate inclui atividades que vão do Taekwondo às Artes Marciais Mistas, o que exige alguma consciência da enorme diversidade de características e manifestações que estas atividades apresentam. Os desportos de combate acabam sendo tipicamente associados à violência, porém, a partir do nosso olhar, estas modalidades podem se distanciar desta ideia. Este artigo procura explorar as dimensões estéticas e éticas dos desportos de combate aplicado às suas práticas não violentas e em contextos mais educativos, como é o caso do treino desportivo de crianças e jovens e da educação física escolar. Assim como outros desportos, os desportos de combate são ricos em narrativas e dramas permeados pela certeza e incerteza, previsibilidade e imprevisibilidade, o esperado e o inesperado, o agradável e o repulsivo. Neste sentido, a tensão entre a narrativa que envolve o combate e a obrigação ética de mostrar respeito e estima por um adversário é especialmente aguda nos desportos de combate. Na verdade, como alguém pode simultaneamente demonstrar respeito e estima por um oponente enquanto tenta golpeá-lo com um movimento que pode vir a deixá-lo inconsciente? Os desportos de combate desafiam os atletas a encontrar maneiras de se movimentar de forma estética e ética, e não apenas de forma violenta. Este artigo explora o potencial pedagógico dos desportos de combate entre os jovens, em contextos educativos, visando a sinergia entre a estética e a ética do combate. O artigo examina diferentes desportos

de combate e considera como os desportos de combate promovem a aprendizagem em jovens e podem contribuir para uma forma estético-ética de praticar e, de facto, de existir, enriquecendo a vida dos jovens e proporcionando uma alternativa ao utilitarismo e ao hedonismo.

Palavras-chave: desportos de combate; estética; ética.

Robinson dos Santos

Do combate ao domínio de si: reflexões sobre o pensamento de Musashi em “Gorin No Sho”

Talvez não seja exagero afirmar que Myamoto Musashi (1584-1645) está, em importância, para o universo das artes marciais e para a cultura japonesa, tal qual seu contemporâneo no ocidente René Descartes (1596-1650) para a Filosofia e a para a Matemática. Contudo, tanto os escritos quanto as ideias do primeiro, de longe não desfrutaram da mesma repercussão e discussão quanto aconteceu com o segundo, nem no universo das artes marciais e nem fora dele. Isso não diminui em nada o valor de sua obra e, até mesmo, a atualidade de suas ideias. No presente trabalho, pretendo realizar uma breve incursão na obra principal de Musashi, popularmente conhecida como o “O livro dos cinco elementos”, na qual o lendário espadachim japonês, deixa registrado algumas de suas reflexões mais importantes sobre como pensava e via o universo do combate, o emprego das técnicas e estratégias com vistas ao aperfeiçoamento do corpo e mente do seu aprendiz-leitor. A hipótese de leitura que pretendo sustentar é que o *domínio de si*, pode ser tomado como o foco fundamental e horizonte de suas reflexões, mesmo onde ele não esteja argumentando e falando diretamente sobre isso. Este horizonte do domínio de si, não apenas nos é *dito* por Musashi em seu texto, como também nos é *mostrado* por sua própria conduta e história de vida pessoal.

Palavras-chave: Musashi, combate, domínio de si, vácuo.

Rui Simões

Jogo do Pau Português: Patrimonialização e Folclorização

O Jogo do Pau português afirma-se como técnica e prática de combate para uma regulação da conflitualidade quotidiana na ruralidade portuguesa. Com uma presença assumida no início do século XIX, e até à década de 1970, está presente na literatura, entre menções e no enunciar de tipos – nomeadamente em Eça, Guerra Junqueiro, Camilo, Aquilino ou Torga - e figura em crónicas, mais frequentemente, de Zacharias d’Aça, Luís Augusto Palmeirim ou Mota Cerveira; surge, com menor frequência, na produção etnográfica portuguesa – destacando-se pontuais apontamentos em Francisco Câncio e, já nos anos 70, um notável trabalho de Ernesto Veiga de Oliveira – e tem um percurso limitado, embora precoce, no documentário cinematográfico português, bem como, mais tarde, na cinematografia do Estado Novo.

A este acervo, para o intervalo dado, juntar-se-á um limitadíssimo número de obras técnicas (e um mais limitado número de autores), mencionando-se, no final do século XIX, Joaquim António Ferreira, na primeira metade do século XX, Frederico Hopffer e, na década de 60, António Nunes Caçador.

Associado ao porte da vara e à ergologia do mundo rural, o Jogo do Pau acompanha o crescimento urbano e as recomposições sociais que lhe estão associadas, marcadamente no último quartel do século XIX, com a sua integração nos contextos associativos ligados ao desporto, transitando dos quintais para os ginásios. As formas de execução ajustam-se a

novos padrões agonísticos, assistindo-se a um reajustamento do seu reportório técnico e, também, à recorrente comparência no contexto dos saraus e de outras formas de apresentação pública do desporto.

A sucessiva integração de outras modalidades em Federações Nacionais e Internacionais – processo fortemente animado pela emergência do Comité Olímpico Internacional e das primeiras Olimpíadas modernas, em 1896 – secundariza o Jogo do Pau, pela sua dissociação dos parâmetros competitivos praticados noutras modalidades de combate, como a Esgrima ou a Luta Greco-Romana.

O desuso do porte da vara, a alteração de modelos sociais e culturais de mediação de conflitos e, no contexto desportivo, a sua condição disruptiva face aos modelos desportivos implementados ao longo do século XX, terão conduzido ao declínio da sua prática, reforçado pela interrupção da transmissão familiar e comunitária decorrente da intensa emigração que se verifica até aos anos 60-70. Relegado progressivamente para uma forma de espectáculo, o Jogo do Pau retoma a sua afirmação pública de um modo progressivamente folclorizante, na exaltação de um nacionalismo ruralista, patente nos enunciados e nas composições coreográficas convocadas, em particular, nas (ou a propósito das) suas exibições. Remetendo-se para o percurso temporal entre o início do século XX e os anos 60, a comunicação pretende, pela análise de enunciados e coreografias, documentar os processos de mudança indicados.

Palavras Chave: Portugal, Jogo do Pau, Património, Folclorização.

Thabata Telles e Leila Mendonça

A experiência de lesionar-se em perspectiva fenomenológica e de cognição incorporada: um estudo de caso com atleta de MMA

As lesões esportivas são realidade para praticantes de atividade física, uma vez que passam horas de seu dia treinando para atingir níveis de desempenho elevados (Medeiros, 2016). Pesquisas apontam que as lesões têm consequências biopsicossociais nos atletas e esportistas, uma vez que altera a relação do indivíduo com seu corpo, com o ambiente e limita a prática de atividades realizadas anteriormente (Samulski & Azevedo, 2002). A Psicologia do Esporte tenta, nesse contexto, entender quais são esses efeitos e assim, possibilitar suprir as demandas de cada fase pós-lesão visando reduzir o sofrimento psíquico dos indivíduos e conseguir fazer com que eles retornem da forma mais saudável possível (física e mentalmente) para a prática (Ivarsson et al., 2018). Para compreender tais efeitos, diversas hipóteses e teorias são encontradas na literatura, como: passagem pelas fases do luto (negação, raiva, negociação, depressão e aceitação) em Kübler-Ross (1969), mudanças no gasto de energia física após lesão e seus demais efeitos no dia a dia em Mendelsohn (1999), reações emocionais disfuncionais (raiva, irritação, ansiedade, baixa confiança), necessidade de adaptação cognitiva (Petitpas & Danish, 1995), dentre outros. Neste âmbito, sob viés de uma perspectiva fenomenológica e de cognição incorporada, apresentamos para estudo de caso um atleta profissional de MMA, sexo masculino, 31 anos, diagnosticado com paraplegia, após uma lesão na medula óssea em 2023. A lesão ocorreu fora do meio esportivo, quando ele foi baleado em seu tronco, ombro e costas e as balas atingiram vértebras e a medula, resultando em limitação de movimento dos pés, pernas, tronco, braços, mãos e dedos. Como protocolo de intervenção, foi realizado monitoramento diário de aspectos físicos, mentais e de rotina. Diariamente, o atendido preenchia um questionário sobre sono, humor, alimentação, dor, por

exemplo. Após 20 dias de monitoramento, era realizada uma sessão com as psicólogas, com duração de aproximadamente 1h para que fossem discutidos, junto com o paciente, pontos relevantes observados pela equipe nos dados preenchidos no monitoramento. Ao acompanhar aspectos físicos, emocionais e cognitivos, esta forma de monitoramento potencializa o processo de autoconhecimento do paciente ao colocá-lo como protagonista do processo de recuperação. Além de trazer informações diárias sobre variados aspectos, esta estratégia possibilita compreender mudanças físicas, alterações de humor, sono, impactos na socialização, dentre outros fatores. Dessa forma, este tipo de monitoramento facilita intervenções pontuais e decisões mais ágeis pelas profissionais. Em continuidade ao preenchimento diário dos formulários, nas sessões mensais eram compartilhadas e discutidas, de forma mais aprofundada as sensações, sentimentos e pensamentos que estavam presentes durante o processo de reabilitação. Percebemos que este tipo de intervenção, especialmente pelo atleta já ter sido acompanhado por uma das psicólogas antes da lesão, foi fundamental para uma menor oscilação de alguns parâmetros já previstos na literatura, tais como: humor, sono e dor. Tem-se aqui uma experiência de lesão vivida com maior protagonismo pelo atleta. Como conclusão, salientamos a necessidade de adaptação desta estratégia para diferentes modalidades e situações, como também entendemos ser importante o desenvolvimento de pesquisas em profundidade com este tipo de ferramenta.

Palavras-chave: reabilitação; psicologia do esporte; lesões; artes marciais, MMA

Thaynara Cristina Zaia, Vitor Panicali Mello Guida e Thabata Castelo Branco Telles

A percepção por meio da escuta na capoeira: um estudo fenomenológico da prática de movimento através da musicalidade

Este trabalho consiste num estudo fenomenológico que se dedica em explorar processos perceptivos da escuta na capoeira. Apoia-se na perspectiva filosófica de Merleau-Ponty, que se debruça nas noções de corpo, movimento, percepção, ação e hábito. A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira organizada a partir de uma grande relação com a música, que se dá pelo berimbau, canto e demais instrumentos.

O objetivo deste trabalho é compreender a prática de movimento por meio do processo perceptivo da escuta na capoeira. Como método foi utilizado o cruzamento intencional entre dois estudos: um primeiro que se debruçou sobre a experiência de tocar o berimbau; e um segundo focado na experiência de lutar/jogar capoeira.

Temos como resultados que a percepção na capoeira se dá majoritariamente a partir da visão e da audição – o tato aparece a partir da manipulação dos instrumentos e raramente entre os capoeiristas nos momentos de ataques mais assertivos durante a roda. Nesse sentido, a escuta é imprescindível para a capoeira no âmbito coletivo da manifestação cultural e individual do praticante que joga/luta ou toca/canta. Essa percepção necessita de um desenvolvimento constante, sendo elemento central da vivência do capoeirista, diferenciando o praticante mais experiente dos iniciantes. No que se refere a esta diferença de experiência, ressaltam-se os elementos de escuta, incorporação e hábito, no sentido de que os capoeiristas mais

experientes conseguem dar conta de uma percepção maior sobre o todo, possibilitando liberdade de movimento e improvisação, enquanto os mais novos se limitam a prestar atenção em detalhes no intuito de aprender e incorporar os movimentos necessários.

Conclui-se que a escuta se dá como elemento central no que tange a experiência da capoeira em si. O ato de perceber a música é imprescindível tanto para quem toca, quanto para quem está jogando/lutando dentro da roda. A musicalidade literalmente dita a experiência da roda de capoeira, não sendo possível compreendê-la sem sua presença. Nesse sentido, dita o tipo de jogo, a intensidade, a cadência, o início e o fim de uma roda. Destaca-se o processo de aprendizagem da escuta. O praticante de capoeira, em seu processo de incorporação dos movimentos do jogo e da manipulação dos instrumentos acaba, de início e na maioria das vezes, por transitar entre aspectos reflexivos ou pré-reflexivos da musicalidade a depender do que se pretende apreender/incorporar. Por fim, ressaltam-se os aspectos dialéticos e hermenêuticos da escuta: dialético pois a percepção da música abre possibilidades de sentido para o praticante se mover, ao mesmo tempo que este movimento do capoeirista dentro da roda abre possibilidades de sentido para o capoeirista com os instrumentos continuar tocando, influenciando um ao outro; e hermenêutico uma vez que estes elementos de movimento, música e percepção se mostram como partes do todo significativo da experiência da capoeira. Recomenda-se futuros estudos sobre a experiência de pessoas com comprometimento auditivo praticantes de capoeira.

Palavras-chave: fenomenologia, escuta, percepção, capoeira, psicologia do esporte.

Thiago Pimenta

Evolução E As Artes Marciais: Uma Perspectiva Evolucionista Da Técnica De Luta Corporal Humana

Artes marciais são utilizadas como formas de expressão de um grupo de modalidades desportivas, competitivas ou não, que possuem uma natureza performática, propõem o desenvolvimento moral, espiritual, físico/desportivo e propedêutico. Relevantes estudos se debruçam sobre o tema por meio de várias áreas do conhecimento. Contudo, são incipientes os estudos sobre a gênese do combate corporal. A partir de quando se constitui um campo de necessidades e possibilidades de otimizar, racionalmente, movimentos corporais de ataque e defesa? Qual a primeira modalidade “sem nome”, criada como forma de combate? Neste sentido, se objetivou desvendar a gênese da luta corporal humana racionalizada evidenciando como e quando nasce a técnica do combate corporal com o uso da sistematização de movimentos de ataque e defesa, pensados para serem ensinados às gerações futuras. A pesquisa foi dividida em três etapas: método de triangulação de dados obtidos em “artigos chave”; análise efetuada por modelo de cruzamento de dados e elaboração das principais considerações mediante análise hermenêutica. Considerou-se: 1) as técnicas das lutas corporais só poderiam ter surgido mediante o formato atual do corpo humano, em especial pés, quadril, mãos e ombros o que possibilitou uma vantagem reprodutiva com relação à seus pares; 2) o neurocórtex foi essencial para o processo de otimização dos movimentos possibilitados por tais articulações tanto no quesito criar, ensinar e aprender; 3) a capacidade de otimizar, criar golpes, ensiná-los e aprendê-los gerou uma vantagem evolutiva para o gênero humano.

Palavras-chave: Arte marcial. Técnica. Evolução. Corpo. Gênese.

Timur Cengiz Uçan

What can philosophy and martial art bring to each other?

Practices of philosophy and martial arts are, at least to some extent, mutually independent: philosophical and martially artistic practices do not necessarily imply each other, or not in the same senses. Yet martial arts can be distinguished according to their philosophies, and philosophical reflexions and elucidations about martial arts can contribute to think ways in which some forms of life are both martially and artistically shaped (and this, maybe paradoxically, without militarism and without apology of violence). Less than attempting to answer the traditional philosophical question of the essence common to each and every martial art, whose answerability itself could be called into question, I will pose and address the question of the respective and mutual contributions of martial art(s) and philosoph(y/ies): what can philosophy and martial art bring to each other?

To suppose that we could understand such relations through an account of superficial similarities - as agonistic (qua aggressive rather than combative), antagonistic (hostile) aspects of martially artistic practices are, regrettably enough, often perceived as the most important ones - will not prove more helpful than attempting to understand the mutual contributions of martial arts and dances through the comparison of superficial aspects of these practices. A reflexion about the mutual contributions of martial arts and philosophies thus needs to integrate both the historical, independent and autonomous developments of philosophies and martial arts, without neglecting that artistic dimensions are internal at least

to some martial and philosophical practices, and could most probably be developed out and with any.

To propose such reflexion, I shall proceed by first proposing some preliminary elucidations, some clarifications about the concepts of practice, so as to integrate the primacy of practice to provide an adequate account of the mutual contributions of martial arts and philosophies. I then will propose an account of the centrality of the concept of wisdom for philosophical and martial practices.

Unsubstantially, unessentialistically, undichotomically conceived, that wisdom is a desirable and unrestrictive limit of philosophical and martial practices is unproblematic and truly renders achievable a contemporarily egalitarian, liberatory, democratic, antisexist, antixenophobic scientific and artistic conception of the mutual contributions of martial and philosophical practices. Bodies and souls can find both the techniques and the objectives of their applications in the ways of martial arts and philosophies. I finally will propose an even more untraditional and unconformist account of the mutual contributions of martial arts and philosophies by arguing, without universalism, that the opposite conception of necessary necessity and contingent contingency goes together with the sublimated opposition of wishes of reaching and renouncing control, and is an expression of undue abstractionism. I will by contrast propose to elucidate that one central mutual and respective contribution of martially and philosophically artistic practices is education to (contemporary) democracy.

Keywords: Democracy, Martial Arts, Philosophy, Wisdom

Valécio Senna

A LUTA HUMANA ATÉ O EVENTO DO MIX MARTIAL ARTS

Este é um estudo longitudinal que aborda o processo da evolução e do desenvolvimento humano, destacando o percurso natural no sentido maior do lutar pela existência e pela sobrevivência, assim como a própria Luta em si, sendo considerada também um fator desenvolvimentista e civilizatório e que, através do corpo como legítimo portador da bagagem cultural humana, concebe valor ao movimento humano e ao conhecimento de toda cultura motora humana, identificando a raiz da questão do lutar, não somente como necessidade, mas também com fins educacionais e educativos, entendendo o instinto e a genética do lutar. Em contrapartida, a prática evolutiva possível na aplicação e didática com fins da educação e instrução, por meio do desporto de combate, tem em vista o conatural e milenar prazer da raça humana de produzir, de assistir e de participar de espetáculos de combate corporal, que atualmente, na era planetária em que vivemos, ditada pela globalização e pelas ciências da informação, destaca o Mix Martial Arts não somente como

desporto completo e de massa, mas como um megaevento desportivo, agregando todos os valores socioeconômicos e de negócios até a produção científica, em busca de melhorias e de resultados de performance com grandes investimentos na indústria do esporte e na criação da imagem de superatletas vencedores e realizados financeiramente, dando o tom sobre a moralidade em forma de status e os valores contra desportivos impostos pela elite social e pela política mantenedora do próprio sistema.

Palavras-chave: Homoluctor, Luta e MMA.

Victor Gabriel Lucas e Allan Victor Zampola Antonio

A luta entre meios e fins: uma análise dos aspectos internalistas dos esportes de combate

Os esportes são frequentemente analisados sob a perspectiva de sua utilidade, considerados como ferramentas para alcançar ganhos morais aplicáveis à sociedade. Os esportes de combate não fogem à essa abordagem, posto que são comumente associados ao desenvolvimento da disciplina, do respeito ao próximo e do autocontrole. No entanto, essa aparente aquisição de valores morais pode suscitar uma contradição com a manifestação da violência ou simplesmente a catarse de pulsões agressivas presente nessas práticas, afetando até mesmo a concepção do espírito esportivo. Por conseguinte, o presente estudo propõe-se a investigar em que termos o utilitarismo almejado pelos esportes de combate pode ser considerado paradoxal. Isso se deve à constatação de que as motivações intrínsecas que impulsionam os sujeitos a se envolverem nessas manifestações culturais específicas residem em sua maioria na expressão criativa de forças resultantes das demandas do desejo.

Ao explorar esse paradoxo em questão, é possível aprofundar a compreensão dos esportes de combate não apenas como meios para o aprimoramento da moral, mas também como fins em si mesmos, dotados de seus próprios interesses e elementos intrínsecos. Para isso, busca-se desenvolver um contraste entre uma visão externalista, frequentemente atribuída às lutas, e

uma abordagem internalista, capaz de fornecer uma perspectiva mais profunda sobre essas modalidades esportivas.

A Filosofia do Esporte e a psicanálise surgem como ferramentas pertinentes nesse empreendimento, oferecendo conceitos e teorias que quicá ajudam a compreender o os esportes de combate como uma meio criativo por intermédio do qual o sujeito consegue alcançar a sublimação de suas pulsões agressivas e ainda conquistar um valor social por isso.

Palavras-chave: Filosofia do Esporte; Psicanálise; Esportes de Combate.

Víctor L. Alonso Delgado; Augusto Rembrandt Rodríguez Sánchez; George B. Jennings

Una propuesta multidisciplinar para la transferencia, intercambio y desarrollo de conocimiento y experiencias de las luchas tradicionales: La Cátedra Universitaria de Lucha Canaria de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

En el sistema universitario español, las cátedras universitarias juegan un papel crucial en el fomento del intercambio y transferencia de conocimiento entre la academia y la sociedad. En este contexto, la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria ha tomado la iniciativa de establecer una cátedra universitaria centrada en la lucha canaria. Esta modalidad de lucha tradicional, profundamente arraigada en el patrimonio cultural de las Islas Canarias, no solo cuenta con una federación deportiva propia y cerca de 2200 licencias federativas, de las cuales una abrumadora mayoría son masculinas, sino que también disfruta de un amplio reconocimiento social y una significativa valoración cultural.

Esta cátedra representa una innovación al vincular sus objetivos programáticos con los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS), específicamente ODS 3 (salud y bienestar), 5 (igualdad de género), 11 (ciudades y comunidades sostenibles), 16 (paz, justicia e instituciones sólidas), y 17 (alianzas para lograr los objetivos). Abarcando una amplia gama de disciplinas como la sociología, ciencias del deporte, antropología, psicología deportiva, ciencias de la educación y ciencias de la salud, esta cátedra se dedica a la salvaguarda del patrimonio, la gobernanza de la lucha canaria y la promoción de la investigación interdisciplinaria.

A través de su “Observatorio de la Lucha Canaria y Otras Luchas Tradicionales” y una “Escuela Universitaria de Lucha Canaria”, la cátedra implementa diversas líneas de acción. Estas incluyen el reconocimiento y apoyo a trabajos académicos e iniciativas escolares, el diseño y ejecución de programas formativos, la promoción de la investigación científica y la provisión de becas a estudiantes vinculados con la lucha canaria.

Este enfoque multifacético no solo fortalece la relación entre la universidad y la sociedad, sino que también proporciona una plataforma para el desarrollo de estrategias y acciones en torno a las luchas tradicionales y los deportes de combate. Constituye una oportunidad sin precedentes para el intercambio de experiencias y colaboraciones en el ámbito universitario y deportivo, tanto a nivel local como en el contexto ibérico, promoviendo así un diálogo intercultural y la valoración de las prácticas tradicionales en la educación superior.

En esta comunicación, destacaremos las características principales de la cátedra, sus líneas de trabajo y el impacto que tiene en la promoción de la lucha canaria como elemento de patrimonio cultural, su contribución a la igualdad de género, la salud, el bienestar y el desarrollo sostenible.

Palavras-chave: lucha canaria, transferencia de conocimiento, Objetivos de Desarrollo Sostenible, patrimonio cultural, interdisciplinariedad

Vítor Rosa

Análise sociológica de duas práticas de combate dual em Portugal: aikido e judo

Na análise sociológica das culturas dos treinadores de aikido e judo, pretendemos demonstrar que a origem social, definida pela categoria socioprofissional, e o estatuto sociocultural dos indivíduos, determinam as escolhas e a intensidade da prática desportiva do aikido e judo. No aprofundamento do objeto de estudo, definimos três hipóteses e construímos um modelo de análise para a sua operacionalização. Recorreu-se à metodologia extensiva e à aplicação de diversas técnicas de investigação social: observação direta, observação-participante, entrevista semi-diretiva e inquérito por questionário. O universo foi de 60 treinadores, a nível nacional, tendo sido realizadas de forma a completar a informação 6 entrevistas junto de interlocutores privilegiados. Os resultados revelam que existe uma homogeneidade entre os perfis sociais dos praticantes dos dois desportos de combate, embora se encontrem diferenças de hábitos e valores, segundo o sexo, a idade e a escolaridade. A análise da informação mobilizada aponta para uma diferenciação ao nível das disposições sociais, na visibilidade, oportunidades de carreira, segundo o perfil social e os desportos em estudo. Os dados apontam para uma diferenciação ao nível dos envolvimento, nomeadamente do tipo de prática/conceção, nas condições de acesso, na influência familiar, na intensidade da prática e na participação associativa segundo o perfil social e os desportos em análise.

Palavras-chave: Sociologia, Artes Marciais, Desportos de Combate

